

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XIV - Número 2

jul./dez. 2023

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XIV – Número 2
jul./dez. 2023

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XIV, n. 2
(jul./dez. 2023) - Joinville: REFIDIM, 2023.
Semestral.
136p.
Editor: Ailto Martins
ISSN: 2178-7441
I. Martins, Ailto. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Ailto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica ad hoc

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Prof. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão: Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação: Everton de Borba

Traduções Abstracts: Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião dos editores*

SUMÁRIO

EDITORIAL
1. HERESIA: UMA LEITURA A PARTIR DE 1COR 11.19	6
MARCELO SERAFIM DE SOUZA	6
JOSÉ HÉLIO DE LIMA	6
FLÁVIO SCHMITT	6
2. CURA ESPIRITUAL E MEDICINA ATUAL: UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA	30
JOEL WORMA DE SOUZA	30
FERNANDO ALBANO.....	30
3. MONTANISMO: PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO COMUNITÁRIA CARISMÁTICA E INFLUÊNCIA NO CRISTIANISMO HISTÓRICO.....	50
JEAN LUC FOBE ¹	50
4. MÍSTICA: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA QUE INTERESSA À TEOLOGIA, À PSICOLOGIA E À FILOSOFIA	71
HILQUIAS BENÍCIO DA SILVA	71
5. BATALHA ESPIRITUAL: O QUE AS ESCRITURAS ENSINAM SOBRE A BATALHA ESPIRITUAL	91
CLEBER PEREIRA FELIZARDO	91
RAQUEL ELISA DA SILVA MENEGHELLI.....	91

EDITORIAL

Com muita alegria que estamos publicando a publicação semestral da Azusa – Revista de Estudos Pentecostais do segundo semestre do ano 2023 (jul./dez. 2023). A presente edição mais uma vez reforça o compromisso bíblico - teológico e interdisciplinar da equipe editorial da revista na análise e reflexão dos pentecostalismos e temas correlatos, tendo em vista que os leitores (as) encontrarão nesta edição temas e autores das mais diversas áreas da teologia (bíblica, sistemática, histórica).

O primeiro artigo, “*Heresia: uma leitura a partir de 1Cor 11.19*”, de autoria de Marcelo Serafim de Souza, José Hélio de Lima e Flávio Schmitt apresenta um estudo da perícopes de 1Cor 11.19, referente ao conceito de heresia. Diante disso, analisa o surgimento, implicações e efeitos desse vocábulo, e ainda a reação apostólica no combate as heresias, principalmente da teologia paulina. O objetivo da pesquisa é demonstrar a importância da apologia da defesa da fé, a qual contou com o esforço do colégio apostólico para manter a unidade e a sã doutrina da igreja.

Joel Worma de Souza, autor e coautor Fernando Albano são os escritores do segundo artigo, “*Cura espiritual e medicina atual: uma perspectiva teológica*”, estuda o diálogo entre a teologia e a medicina atual, pois acredita nesta possibilidade. Neste sentido, argumentam que a abordagem holística da saúde humana, inclui a dimensão espiritual. Diante deste fato, procuram superar preconceitos para com a dimensão religiosa da vida, e seu impacto na saúde das pessoas, com objetivo de expor a obra da salvação, na perspectiva integral e, por conseguinte, a vida humana em sua totalidade.

Já, o terceiro artigo, “*Montanismo: primeira manifestação comunitária carismática e influência no cristianismo histórico*”, do autor Jean Luc Fobe, pesquisa sobre o montanismo, movimento fundado por Montano da Frígia no início do segundo século da EC. Diante disso, discute a problemática a respeito desse movimento, o qual é considerado a primeira manifestação histórica comunitária espontânea de valorização dos dons espirituais. Apesar, de não existir uma ligação histórica do montanismo com os movimentos pentecostais

contemporâneos, admita-se em paralelo a sua contribuição histórica, referente a religião centralizada na divindade do Espírito Santo com profecia extática, visão escatológica, celibato, missões, ministério feminino, independência do bispado católico, restrições dietéticas, ascetismo, manifestações proféticas e extáticas, glossolalia, visão escatológica, ênfase missionária, abertura do cânon para complementação das revelações proféticas, e escatologia pré-milenista.

Passando para o quarto artigo “*Mística: a experiência religiosa que interessa à teologia, à psicologia e à filosofia*”, do autor Hilquias Benício da Silva pretende sinalizar algumas perspectivas entre a mística e espiritualidade cristã. Assim, apresenta esse tema de interesse comum a diferentes áreas da pesquisa e do saber, interagindo com posicionamentos encontrados pela teologia, pela história do cristianismo, pela psicologia e pela filosofia, diante das tradições cristãs. O objetivo do autor é dialogar a respeito com a teologia, filosofia e psicologia, a qual podem ser úteis ao crescimento dessas ciências.

Finalizando o quinto artigo, “*Batalha Espiritual: o que as Escrituras ensinam sobre a batalha espiritual*”, de autoria de Cleber Pereira Felizardo e coautora Raquel Elisa da Silva Meneghelli, analisam a respectiva temática. Desta maneira, buscam o equilíbrio, devido aos extremos adotados pelas tradições cristãs a respeito do tema, por meio das Escrituras, especificamente na carta do Novo Testamento, aos Efésios capítulo 6.10-20, o fundamento bíblico e teológico, referente a Batalha Espiritual.

Prof. Dr. Aildo Martins

Editor

HERESIA: UMA LEITURA A PARTIR DE 1COR 11.19Marcelo Serafim de Souza¹José Hélio de Lima²Flávio Schmitt³**RESUMO**

O Artigo em questão, pretende estudar a complexa questão acerca das heresias, tais como seu surgimento, implicações e efeitos, bem como seu consequente enfrentamento apostólico no seio da igreja. Pretende-se demonstrar a dupla missão do colégio apostólico, haja vista, nos primeiros séculos de existência da igreja, “disfarçada” de ortodoxia, a heresia pretendia macular a essência do Evangelho, pregado e difundido pela liderança eclesiástica. Em sua dupla missão: “Pregar o Evangelho e, combater “heresias”, referida liderança, contribuiu para a firme marcha e, consequente crescimento da igreja, que procurou combater tais “ensinos desviantes”, com vistas a se evitar que contaminassem toda a comunidade cristã que se iniciava, e a desfizesse como que da noite para o dia, colocando assim por terra todo esforço empreendedor missionário desde seus primórdios. Tendo em mente que a “unidade” da igreja deveria ser preservada, a mensagem apostólica, portanto, deveria permanecer intocada. Todo esforço nesse sentido, seria recompensado, pois, evitar-se-iam cisões, facções e partidarismos, que tão logo surgindo, deterioravam referida “unidade” das comunidades de fé existentes à época. O impacto negativo

¹ Teólogo graduado pela Faculdade Unida de Vitória. Mestre e Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Email: marcelohefziba@hotmail.com.

² Teólogo graduado pelas Faculdade Batista do ABC e Universidade Metodista de São Paulo; Mestre em Ciências da Religião pela Universidades Presbiteriana Mackenzie; Doutorando em Teologia pelas Faculdades EST.

³ Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela UMESp, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Email: Flavio@est.edu.br.

causado pelas heresias, há que se destacar, culminava no afastamento da base confessional da igreja. O âmago do evangelho, portanto, ficava maculado. Por conta disso, referida pronta resposta eclesial, conforme ficará demonstrado, mostrou-se suficiente e satisfatória, com vistas a se preservar a mensagem original do evangelho.

Palavras-Chave: Heresia - Paulo – Teologia – Ortodoxia – Colégio Apostólico

ABSTRACT:

The article in question intends to study the complex question about heresies, such as their emergence, implications and effects, as well as their consequent apostolic confrontation within the church. It is intended to demonstrate the dual mission of the apostolic college, given that, in the first centuries of the church's existence, "disguised" as orthodoxy, heresy intended to blemish the essence of the Gospel, preached and disseminated by the ecclesiastical leadership. In its dual mission: "Preaching the Gospel and fighting "heresies", said leadership, contributed to the firm march and consequent growth of the church, which sought to combat such "deviant teachings", with a view to preventing them from contaminating the entire community Christian life that was beginning, and undo it as if overnight, thus putting to the ground all entrepreneurial missionary efforts since its beginnings. Bearing in mind that the "unity" of the church was to be preserved, the apostolic message therefore had to remain untouched. Every effort in this direction would be rewarded, as splits, factions and partisanship would be avoided, which, as soon as they appeared,

deteriorated said “unity” of the faith communities existing at the time. The negative impact caused by heresies, it should be noted, culminated in the removal of the church's confessional base. The heart of the gospel, therefore, was tainted. As a result, the aforementioned prompt ecclesial response, as will be demonstrated, proved to be sufficient and satisfactory, with a view to preserving the original message of the gospel.

Keywords: Heresy - Paul – Theology – Orthodoxy – Apostolic College.

INTRODUÇÃO

Dessarte, conforme supramencionado, o foco e estudo do presente artigo é trabalhar a questão daquilo que mais tarde se convencionou como “heresia”, cujo surgimento e embate à ortodoxia, desenvolveremos no transcorrer deste estudo. Um dos grandes exemplos *intra Ecclesia* (no interior da igreja) a serem citados, surgidos muito cedo na incipiente igreja, encontramos em Atos capítulo 15. Cristãos judeus, não viam como suficiente para salvação, apenas a confissão pública de pecados. Mas, todo quanto quisesse seguir a Cristo, na visão destes, deveria circuncidar-se e, assim cumprindo a lei mosaica, satisfariam a salvação.

A pronta resposta do colégio apostólico deu-se ainda no versículo 19. O apóstolo Tiago tomando a palavra, após os discursos dos apóstolos Pedro, Paulo e Barnabé, instou-se a que os gentios convertidos, não fossem perturbados em sua conversão. No versículo 20, seguiu-se recomendações, quanto a ritualística alimentar.

Um exemplo *extra Ecclesia* (fora da igreja), digno de nota, deveu-se a controvérsia havida na comunidade de Corinto. Parte daquela

comunidade de fé, inclinava-se a negar a ressurreição, influenciada pelo intelectualismo grego, mesclado de misticismo, ínsito ao pensamento filosófico sofista, em voga à época de Paulo, e em toda a Grécia. O que deveras contribuiu para o desvio doutrinário no seio daquela comunidade eclesial. Conseqüentemente demandando de Paulo a intransigente defesa do tema da ressurreição corporal, especialmente em seu aspecto “espiritual”, no capítulo 15, de sua Primeira Carta àquela igreja.

Para Paulo, portanto, havia funestas conseqüências, quanto a negação da ressurreição: os apóstolos são tidos como mentirosos, ao testificarem da ressurreição de Cristo, se esta, deveras não ocorreu: “Se cristo não ressuscitou os apóstolos são falsas testemunhas de Deus, sua mensagem é vã, nossa fé é vã” (15.14s). Outra nefasta conseqüência, é que a morte vicária de Cristo então, foi vã, de nada valeu⁴, fazendo assim, com que os coríntios ainda permaneçam em seus pecados (15.17). Dessarte, vislumbra-se que, na teologia paulina a ressurreição de Cristo terá sempre papel proeminente, pois é a partir de sua ressurreição que se manifesta o poder reconciliatório da criatura com seu Criador (Rm 1.4)⁵. O que corrobora Cerfaux, para quem “a teologia paulina assume uma cor própria, desde o começo, pela importância que atribui à ressurreição de Cristo [...]”⁶.

Para Olson:

⁴ MORRIS, Leon. *I Coríntios: Introdução e Comentário*. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo. Mundo Cristão, 1983. p.169.

⁵ CERFAUX, Lucien. *O Cristão na teologia de Paulo*. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003. p.56.

⁶ CERFAUX, Lucien. *O Cristão na teologia de Paulo*. Tradução José Raimundo Vidigal. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus. 2012, p. 41.

A história da teologia não se inicia no começo. Isto é: a teologia cristã começou muito tempo depois de Jesus Cristo ter caminhado na terra com seus discípulos e mesmo depois de ter morrido o último discípulo e apóstolo. A teologia é a reflexão da igreja a respeito da salvação trazida por Cristo e a respeito do evangelho da salvação proclamada e explicada pelos apóstolos de Cristo.⁷

A defesa da fé contra “ensinos contrários”, ao que se pregava nos primórdios da Igreja, especialmente, conforme supra, a negação à ressurreição, devotou especial atenção do colégio apostólico. Pois, a controvérsia em questão iniciou-se no seio da igreja ainda em seus primórdios, mas alastrou-se séculos afora. Ponto central, insta frisar, o escopo da fé cristã, encontrava-se em xeque, pois, assim como um pouco de fermento leveda toda a massa (Gl 5.9), a heresia se enraizada na comunidade de fé, tinha o condão de arruinar toda mensagem apostólica.

Nesse sentido, na lição nos outorgada por Cerfaux, temos que:

O intelectualismo grego, mesclado de misticismo, inclinava-se a negar a ressurreição. Paulo, conservando (...) o tema da ressurreição corporal, procura sublinhar, no entanto, seu aspecto “espiritual”. Surge aqui uma fórmula importante: o Cristo ressuscitado transformará à sua imagem todos os cristãos (1Co 15.49)⁸.

O Comentário Bíblico Beacon, preleciona acerca do apego do mundo antigo, mormente a comunidade de Corinto à cultura helenista, conforme segue:

⁷ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001. p.25.

⁸ CERFAUX. 2012, p. 21.

O ensino das religiões e filosofias populares gregas “imaginava que o espírito desencarnado do homem atravessava as esferas planetárias para finalmente abandonar cada parte da existência em carne e osso do homem, até a sua consciência e raciocínio”. Essa abordagem grega estava baseada no conceito de que a matéria, ou a substância material, era a origem de todo o mal. Assim sendo, a ressurreição do corpo era algo que oferecia um apelo desprezível àqueles que eram influenciados pelo pensamento grego.⁹

Ainda que a reflexão da ressurreição dos mortos contradissesse à concepção grega, Paulo não titubeou em defendê-lo em uma comunidade de fé inserta à circunscrição grega. Ainda que a filosofia grega ensinasse acerca da imortalidade da alma, mas depreende-se da filosofia grega, que o corpo era a prisão da alma.

Em sua obra “Contra Celso”, Orígenes mencionar sobre o embate paulino supra:

Paulo viu que a filosofia grega contém razões não desprezíveis, plausíveis aos olhos do grande público, as quais apresentam a mentira como se fosse verdade. Diz ele a respeito delas: “Cuidai de que ninguém vos leve novamente à escravidão com filosofias falazes e vãs, fundadas em tradições humanas e não em Cristo” (Cl 2,8). E como ele via se manifestar nos discursos da sabedoria do mundo certa grandeza, disse que o discurso dos filósofos eram “conforme o elemento do mundo”.¹⁰

Utilizando Cristo como parâmetro e supedâneo à sua apologia à questão da ressurreição, Paulo afirma que nosso Salvador morreu por nossos pecados segundo as Escrituras (15.3), ressurgindo dos mortos ao terceiro dia, segundo as Escrituras (15.4).

⁹ COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON: Romanos e 1 e 2 Coríntios. Tradutor Volume 8 Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 356.

¹⁰ ORÍGENES. *Orígenes contra Celso*. Trad. Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004, p.38.

Dessarte, para a liderança eclesial, como um todo, não restou outra alternativa, senão feroz e aguerridamente combater todo e qualquer “ensino desviante” à medida que fossem surgindo, seja *intra* ou *extra* ecclesia. Importante ressaltar que, malgrado Cristo tenha afirmado ser mister o crescimento do joio no meio do trigo, até o último dia da colheita (Mt 13.24-30), para Paulo, representante do colégio apostólico, teria que haver divisões (heresias), para que, desse modo, se manifestem os justos no corpo eclesial.

1. AGOSTINHO DE HIPONA VERSUS DONATISMO

Impende ressaltar que, Agostinho, representante dos Pais da Igreja, utilizou da passagem bíblica constante de 1cor 11.19, no enfrentamento ao donatismo. Corroborando o afirmado pelo apóstolo Paulo, a fim de que se tornassem manifestos, no seio da igreja, os devidamente “comprovados”, era necessário, que houvesse cisões. Desse modo, Agostinho referir-se-á ao movimento donatista, tido por “herege” para o bispo de Hipona, o que, conseqüentemente, demandou árduo combate deste, com vistas a se manter a pureza do evangelho por este pregado, frente às “heresias”, defendidas por Donato, representante-mor, de referido movimento “herético”.

Quanto ao enfrentamento com os donatistas, na defesa dos cristãos-católicos, ao tecer comentários a respeito da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 11, versículo 19, Agostinho assim afirmará no que se refere aos hereges e cismáticos: “Mas porque é dito com grande

verdade: É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos, entre vós aqueles que são comprovados”.¹¹

Em sua defesa teológica, Agostinho assim mencionou acerca daqueles que promoveram o cisma: “Outra questão é a respeito dos causadores de cismas. A eira do Senhor poderia suportar as palhas até o tempo da última peneirada (Mt 3,12), se eles não tivessem cedido com excessiva leveza ao vento da soberba, separando-se voluntariamente de nós”.¹²

2. EXEGESE DE 1COR 11.19

Analisando-se exegeticamente 1Cor 11.19, nos melhores manuscritos gregos, encontramos: “*δεῖ γὰρ καὶ αἰρέσεις ἐν ὑμῖν εἶναι, ἵνα [καὶ] οἱ δόκιμοι φανεροὶ γένωνται ἐν ὑμῖν*”¹³ (*dei gar kai airesis em imin einai, ina [kai] oi dokimi faneroi génontai em imin*). É preciso pois também (*αἰρέσεις* = *airesis*) partidos entre vós existir, para que os aprovados (*φανεροὶ* = *faneroi*) manifestos (*γένωνται ἐν ὑμῖν* = *génontai em imin*) se tornem entre vós”.

Esse termo (*αἰρέσεις* = *airesis*), conforme o Léxico Grego do Novo Testamento, de autoria de Edward Robinson, significa também: “um modo de vida escolhido”, ou seja, uma seita, escola ou partido. Discórdia, dissensão a partir da diferença de opinião.

¹¹ CANTALAMESSA, Raniero. *Santo Agostinho: Creio na Igreja una e santa*. Acesso em: 25/08/2018. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/santo-agostinho-creio-na-igreja-una-e-santa/>>.

¹² SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 75.

¹³ NOVO Testamento Interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. p.644.

O dicionário grego do Novo Testamento, de autoria de Carlo Rusconi, aduz que (*αἰρέσεις*), também significa propensão a escolher, escolha, opinião, facção, seita, escola ou partido. Modo de pensar e de agir de determinado grupo.

E é justamente isso que ocorreu ao tempo de Agostinho, principalmente quanto aos donatistas. Tendo logrado êxito o grupo de Agostinho, em defesa da ortodoxia da igreja.

Em profunda análise da raiz semântica da palavra heresia, subtrai-se a ideia de escolha. Contudo, em contraposição a mensagem bíblica, uma escolha equivocada, cumpre ressaltar. Exatamente por isso, tem-se que, foi justamente em meio ao surgimento de heresias na história da igreja, que a teologia de grandes nomes, moldou-se sensível e consideravelmente. Como exemplo disso, temos na dicção de Gonzalez, ao prelecionar que, o que levou Agostinho a produzir um número expressivo de trabalhos de grande significado para o desenvolvimento da teologia cristã foi uma série de controvérsias em que ele se envolveu - principalmente com os maniqueístas, os donatistas e os pelagianos.¹⁴

Paulo, o apóstolo dos gentios, também. Que o diga, seus costumeiros embates teológicos, *extra* ou *intra ecclesia*, bem como as controvérsias ocorridas, por diversos lugares por onde passou, em suas viagens missionárias com os de sua nação, principalmente os da seita farisaica, da qual um dia pertenceu.

¹⁴ GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: De Agostinho às vésperas da Reforma*. Tradução Paulo Arantes. Vanuza Helena Freire de Mattos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 27.

Para Olson, “a teologia é exatamente isso: a fé buscando o entendimento da verdade de Deus”.¹⁵ Pois, conforme Olson:

A teologia em si, como a busca da ortodoxia (a doutrina teológica correta), surgiu dos desafios impostos aos ensinamentos cristãos por sectários que se apresentavam diante da igreja e do mundo pagão como cristãos mais genuínos ou importantes do que os principais herdeiros dos apóstolos. Esses desafios à mensagem apostólica e à autoridade dos sucessores nomeados pelos apóstolos tiveram tanto sucesso em criar caos e confusão que se tornou imprescindível o desenvolvimento de uma reflexão teológica formal para combatê-los. Os bispos, que no segundo século do cristianismo eram simples supervisores de um grupo de igrejas em uma cidade ou território, responderam aos críticos e sectários lembrando o que os apóstolos tinham ensinado, reunindo, preservando e interpretando os legados escritos e escrevendo cartas e opúsculos para circular entre as igrejas. No decorrer desse processo nasceu a teologia cristã. Com os pais apostólicos, a teologia continuou sua infância e, somente mais tarde, depois do século II, com Irineu e os pais da igreja, começou a caminhar rumo a maturidade.¹⁶

Finaliza Olson, afirmando que:

[...] é quase impossível apreciar o significado da ortodoxia sem entender as heresias que a forçaram a se definir. O que agora conhecemos por ortodoxia (não a “Ortodoxia Oriental”, mas a ortodoxia com o “doutrina teológica correta”) não nasceu de repente na igreja como Atena saiu da cabeça de Zeus na mitologia grega. Ela foi crescendo com o resultado dos desafios que a heresia impôs. A fim de compreender corretamente o dogma ortodoxo da Trindade, é necessário entender os ensinamentos de Ario de Alexandria, que desafiou seriamente, no começo do século IV, a crença na eterna trindade de Deus.¹⁷

¹⁵ OLSON, 2001. p.11.

¹⁶ OLSON, 2001. p.26.

¹⁷ OLSON, 2001. p.21.

Até porque, conforme Olson, “não existe nenhuma doutrina do cristianismo que tenha surgido do nada. Cada crença, quer considerada “ortodoxa” (teologicamente correta) ou “herética” (teologicamente incorreta), nasceu de um desafio”.¹⁸

Quanto ao conceito de heresia, tem-se na lição de Frangiotti, que:

A palavra *heresia* é de origem grega *háiresis* e significa *escolha, partido tomado, “corrente de pensamento”, seita*. Originariamente, heresia é a acentuação de um aspecto particular da verdade. No âmbito do cristianismo primitivo, é a negação ou pregação de um evangelho diferente daquele pregado pelas autoridades apostólicas (cf. 2Pd 2.1; Gl 1.8). É a pregação dos falsos profetas, falsos mestres que introduzem no seio da comunidade doutrinas danosas, dúbias ou que não se compaginam com a doutrina dos apóstolos¹⁹.

Portanto, conforme demonstrado, o termo “heresia”, originário da palavra grega *airéseis*, tem correlação com “escolha”. Podemos inferir daí a ideia do livre-arbítrio, onde tem-se que o ser humano é livre para fazer suas escolhas²⁰. Conseqüentemente, cada ser humano, possui autonomia para escolher o melhor caminho a se tomar, ainda que drásticas conseqüências, sejam o desenrolar dessa escolha²¹. Em conceitos teológicos, as implicações e desdobramentos podem tomar rumos sem precedentes, haja vista, a exposta coletividade.

Justamente por isso, Priori citando Prigent, afirma não ter sido aleatória, a escolha das sete Igrejas destinatárias da Carta do Apocalipse.

¹⁸ OLSON, 2001. p.15.

¹⁹ FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus. 2018, p.6.

²⁰ MCGRATH, Alister. *Heresia em defesa da fé*. São Paulo: Hagnos. 2014, p.14.

²¹ MCGRATH. 2014, p.16.

Todas tinham em comum, o sofrer ameaças ao cristianismo de então, qual seja, o surgimento de heresias, *intra ecclesia*²².

Em sua trajetória apostólica, Paulo sabia que poderia encontrar cisões e partidarismos em seu caminhar. Contudo, aguerridamente as combatia, a medida em que iam surgindo. Nas suas proto-cartas encontramos instruções e advertências, com o fim de se evitar o surgimento de heresias, no seio da igreja, que produziriam, certamente, acalorados debates teológicos²³.

“Porque antes de tudo ouço que ...há entre vós dissensões...” (1Cor 11.18). A palavra de repreensão à comunidade de Corinto, utilizada por Paulo para dissensões é *σχίσματα* (schísmata), proveniente da palavra *σχίσμα* (schísma), podendo ser traduzida por: “rotura, divisão, dissensão, cisma”²⁴. No versículo posterior, Paulo chega a afirmar que, o surgimento da heresia, faz revelar, os sinceros no seio da comunidade de fé²⁵. Paulo utiliza a expressão *φανεροὶ* (phaneroi), oriunda do termo *φανερὸς* (phanerós), traduzida para o nosso vernáculo, como: “aparente, visível, manifesto, evidente”²⁶.

²² PRIGENT, 1993 apud PRIORI, Marcio Luiz. *Os cristãos, de ontem e de hoje, ante a tentação de se acomodarem ao mundo: Uma abordagem a partir de Apocalipse 2-3*. São Leopoldo: EST. 2011. 79 p. (Dissertação, p.23)

²³ PRIOR, David. *A Mensagem de 1 Coríntios: A vida na igreja local*. Trad. Yolanda Mirsa Krievin. São Paulo: ABU Editora. 1993, p. 200.

²⁴ ROBINSON, Edward. *Léxico grego do Novo Testamento*. Trad. Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD. 2012, p.885.

²⁵ O NOVO Testamento Grego: com introduções e aparatos em português, 2021. 704 p. (1 Coríntios 11.19 “δεῖ γὰρ καὶ αἰρέσεις ἐν ὑμῖν εἶναι, ἵνα [καὶ] οἱ δόκιμοι φανεροὶ γένωνται ἐν ὑμῖν” (= E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós)).

²⁶ ROBINSON. 2012, p.952.

Ainda que sectarismos tenham se revelado no interior da igreja, mas, para Paulo a comunhão espiritual deveria ser preservada intocada²⁷. No vers. 4 do capítulo 3, de sua Primeira Carta, Paulo repreende o sectarismo surgido na comunidade de Corinto, quanto àqueles que se identificavam como o grupo de Paulo e, outro o de Apolo. A repreensão de Paulo é enérgica: “...porventura não sois carnis?” (1Cor 3.4). Pois, com isso, revelou-se transparente: “a comunidade estava dividida”²⁸.

Essa divisão somente revelada a partir do crescimento da igreja, revelou-se ainda no recente cristianismo, outro tipo de heresia, especialmente, *extra ecclesia*. Pois, quanto aos novos convertidos, o desvencilhar-se de suas convicções passadas, demandava tempo, especialmente àquelas oriundas da filosofia grega. O que veio a entrar em rota de colisão com as verdades do evangelho, demandando pronta resposta dos defensores deste. Mencionadas convicções em contraste com o evangelho, fora denominado “heresias”. O que concorda Lortz, para quem, “toda a tradição cristã está firmemente convencida de que somente "a igreja" tem o poder e o dever de ensinar as verdades da fé. O desvio da verdade eclesiástica comum é heresia²⁹”.

Paulo afirma, em síntese, no versículo 18, que “*συνερχομένων υμών εν εκκλησία ακούω σχίσματα εν υμίν υπάρχειν* - *sinerchoménon imon em ekklesia akúo schismata em imin iparchein*”. Que traduzido é “reunindo-vos vós em (a) igreja ouço divisões (*σχίσματα* = *schismata*) entre vós existir”.

²⁷ PRIOR. 1993, p. 199.

²⁸ FRANGIOTTI. 2018, p.8.

²⁹ LORTZ, Joseph. *Historia de la Iglesia: en la perspectiva de la historia del pensamiento*. Trad. Agustín Andreu Rodrigo. Madrid: Cristiandad. 2003, p.123.

Essas divisões, leva-nos a entender que, grupos sectários se formaram no seio da comunidade de fé de Corinto. Havia sectarismos na reunião do corpo eclesial, no tocante à Ceia do Senhor. Paulo deixa isso bem claro. E isso não é bom para o corpo místico da Igreja, pois se reúnem para pior, não para melhor (11.17).

No versículo 18, Paulo é informado (cf. Edição Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida) que há dissensões, quando a comunidade de fé de Corinto se reúne.³⁰ Para o apóstolo dos gentios, referida informação é digna de credibilidade.

Conforme supra, a palavra utilizada por Paulo para dissensões é *σχίσματα* = schismata, palavra oriunda do cognato *σχίσμα* (schisma), significando, divisão, dissensão³¹, cisma e rotura.³²

E essas divisões, dissensões e cismas, no entender de Paulo, culminam em um ajuntamento para pior e, não para melhor.

Paulo não muda o foco do seu discurso, nos versículos iniciais da perícope em estudo. Ou seja, ele está tratando do mesmo assunto, nos versículos em questão. Ele começa afirmando, como acima mencionado, no versículo 17 que, o ajuntamento deles era para pior e, não para melhor. Isso porque no versículo 18, conforme acima, há (por se encontrar no caso nominativo “*σχίσματα*”), ou seja, *σχίσμα* (schisma), divisão, dissensão, cisma e rotura.

³⁰ PORQUE, antes de tudo, ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões [...]. (BÍBLIA Sagrada. Harpa Sagrada, 2016. p.1129).

³¹ RUSCONI, Carlo. Dicionário grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003. p.447.

³² ROBINSON, 2012. p.885.

Conseqüentemente as divisões, dissensões, cismas e roturas do versículo 18, Paulo nos leva a entender no versículo 19, que as *αιρέσεις* [airéseis], palavra traduzida por heresia, no vocábulo português, se faziam necessárias. Pois, em meio às heresias, conforme Paulo, *οι δόκιμοι φανεροί γέγονται* (oi dókimoi faneroí génontai = os aprovados manifestos se tornem).

Percebe-se no discurso paulino, inserido nos versículos 18 e 19, um tênue liame entre os termos *σχίσματα* ou *σχίσμα* e *αιρέσεις*. O versículo 17 que os antecede, revela danoso, o ajuntamento da comunidade de fé de Corinto, pelo que vem explicitado nos versículos 18 e 19. Contudo, conforme Paulo, a divisão, dissensão, cisma ou rotura, ou ainda a escolha, opinião, facção, seita, escola ou partido, não possuem o condão de exterminar com a Igreja de Cristo, mas, sim de manifestar os aprovados no seio da Igreja, naqueles que se abstém de envolver-se em tais impropérios.

O que corrobora Fee:

[...] *αιρέσεις*, palavra que ocorre novamente em textos paulinos somente na lista de vícios de Gálatas 5.20; de modo que seu exato significado nos escapa. É usada em outros textos para identificar grupos sectários (e.g., os saduceus em At 5.17) e mais tarde passa a ser usada para se referir a grupos heréticos. Aqui é mais ou menos sinônima de *σχίσματα* e necessariamente significa algo parecido: divisões, dissensões, facções [...].³³

É como se para Paulo, que defendia no início da Carta (1Cor 1.11-13), o extermínio das divisões, aqui (11.19), as divisões se fazem necessárias, pois, somente assim, os fiéis seriam separados dos infieis, os justos dos injustos.

³³ FEE, 2019. p.679.

3. HERESIAS

A princípio torna-se escorreito reverberar que, comungamos do entendimento de Köstenberger e Kruger, para quem os “conceitos de heresia e ortodoxia ainda não estavam presentes durante os estágios iniciais da história da igreja”.³⁴ Até porque, não há de se falar no séc. I, no seio da igreja, de um arcabouço doutrinário pronto e acabado, mas ainda em construção.

Quanto à questão das heresias nos primórdios da Igreja primitiva, Köstenberger e Kruger, aduzem que, “A nova ortodoxia — o “evangelho” da diversidade — desafia abertamente a asserção de que Jesus e os cristãos primitivos ensinavam uma mensagem unificada que consideravam absolutamente verdadeira, bem como consideravam falsas quaisquer negações dessa mensagem”.³⁵

Com o avanço do cristianismo, o segundo século da era cristã, é marcado pelo surgimento de ensinos que se contrapunham aquilo que já havia sido esposado pelos apóstolos. O que propiciou o surgimento de grupos sectários.

Contudo, ainda no primeiro século, vislumbra-se “entraves” ao esposado pelo colégio apostólico. E esses “entraves” contraditórios ao pregado pelo colégio apostólico, diga-se de passagem, são o objeto de

³⁴ KÖSTENBERGER, Andreas J.; KRUGER, Michael J. *A heresia da ortodoxia: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo produtivo*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014. p.35. (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

³⁵ KÖSTENBERGER; KRUGER, 2014. p.22. (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

estudo da presente pesquisa. E essa era a preocupação do apóstolo Paulo, conforme este nos relata, na carta aos Gálatas 1.9:

Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema.³⁶

A necessidade da circuncisão aos gentios, independentemente da salvação, para Paulo, era outro evangelho, pois ia na contramão do que Paulo pregava, como o exemplo de Gálatas 5.6 “Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum; mas sim a fé que opera pelo amor”.³⁷

Em Atos dos Apóstolos, tal celeuma teve que ser pacificada através de um concílio que se reuniu para deliberar sobre intrigante tema, no capítulo 15.

Conforme Osava, “a doutrina cristã nascente precisava conviver e confrontar-se em muitos aspectos com as ideias que circulavam naquele período, relacionadas sobretudo com o judaísmo, o paganismo e o gnosticismo”.³⁸

Os gnósticos, conforme Osava, “em geral, eram pagãos que, aceitando a fé cristã, nela queriam introduzir suas concepções pessoais, suas teorias filosóficas, [...]. Para os gnósticos a novidade trazida pela

³⁶ BÍBLIA Sagrada. Harpa Sagrada, 2016. p.1146.

³⁷ BÍBLIA Sagrada. Harpa Sagrada, 2016. p.1150.

³⁸ OSAVA, Marcelo Massao. *Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.

doutrina cristã era muito simples e o conhecimento que eles tinham era muito superior”.³⁹

Todavia, conforme Cairns:

O gnosticismo foi a primeira heresia enfrentada pela Igreja, mas não seria a última. O erro é perene e geralmente surge pelos mesmos motivos em várias ocasiões. O orgulho da razão humana e sua tendência racionalista podem levar à heresia, como foi o caso da igreja de Colossos. A permanência da herança religiosa do período pré-cristão na vida individual pode levar a uma mistura de verdade e erro com terríveis consequências para a salvação. Foi este o erro dos judaizantes. Mau uso ou ênfases exagerados de alguma passagem bíblica podem provocar o erro. Às vezes o líder equivocadamente entusiasmado, na tentativa de proteger a verdade, pode subvertê-la; foi este o caso de Montano no segundo século.⁴⁰ (grifos nossos)

Todavia, Paulo deveria enfrentar muito mais que o gnosticismo em seu currículo apostólico, conforme Cairns.

Paulo enfrentou também o desafio do racionalismo grego quando lutou contra um gnosticismo incipiente na Igreja. Alguns homens procuravam intelectualizar os meios da salvação assim como os cristãos judeus tinham tentado legalizá-los. O gnosticismo tornou-se um perigo especial na igreja colossense. Os gnósticos sustentavam uma filosofia dualística que fazia uma clara distinção entre o espírito como bem e a matéria como mal. De acordo com eles, o elo entre o espírito puro e a matéria má é uma hierarquia de seres celestiais. Cristo é visto como um membro dessa hierarquia.⁴¹ Os anjos devem receber culto por serem parte desta hierarquia

³⁹ OSAVA, Marcelo Massao. *Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.

⁴⁰ CAIRNS, 1995. p. 56.

⁴¹ CAIRNS, 1995. p. 55.

(Cl. 2:8, 18-19). A salvação deve ser alcançada principalmente por atos ascéticos de negação dos desejos do corpo material e mau (Cl 2:14-17, 20-23) e por uma gnosis especial ou conhecimento acessível somente à elite entre os cristãos. A fé é relegada a uma posição secundária neste sistema que serve aos interesses do orgulho humano. Paulo respondeu a esta heresia pela afirmação irrestrita da total suficiência de Cristo como Criador e Redentor (Cl 1:13-20). Cristo é a plena manifestação de Deus e não é de forma alguma inferior a Deus (Cl 1:19;2:9). Somente nesta doutrina sentia Paulo que o homem podia ter a segurança de um Salvador capaz de resolver o problema do pecado.⁴² (grifos acrescidos)

Portanto, para Paulo, ficava claro, que se tratava de facção, utilizando-se do mesmo verbete no original para heresia, àquele que não aceitava ou recusava aquilo que era pregado pelo colégio apostólico. Percebendo-se aí que *αιρέσεις* tem a ver com aquilo que é contrário à mensagem dos apóstolos.

E é justamente esses falsos ensinamentos que, procuraram invalidar a mensagem do colégio apostólico e mais tarde dos Pais da igreja.

Eusébio de Cesareia, um dos Pais da Igreja, digno de nota, postou-se também como um defensor apologeta da mensagem legada pelo colégio apostólico.

É meu propósito consignar as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos desde nosso Salvador até nós; o número e a magnitude dos feitos registrados pela história eclesiástica e o número dos que nela se sobressaíram no governo e presidência das igrejas mais ilustres, assim como o número daqueles que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os embaixadores da palavra de Deus; e também quantos, quais e quando, absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram a si mesmos introdutores de mal-chamado saber e devastaram sem piedade, como lobos cruéis, o rebanho de Cristo; e mais, inclusive as desventuras

⁴² CAIRNS, 1995. p. 56.

que se abateram sobre toda a nação judia depois que concluíram a conspiração contra nosso Salvador, assim como também o número, o caráter e o tempo dos ataques dos pagãos contra a divina doutrina, e a grandeza de quantos por ela, segundo a ocasião enfrentaram o combate em sangrenta tortura [...].⁴³

Olson preleciona acerca da importância dos Pais da Igreja na formação da teologia cristã, ao difundirem a mensagem do Evangelho nos legada pelo colégio apostólico.

Apesar de os atuais cristãos desconhecerem esses teólogos, foram eles que influenciaram o cristianismo que os nutriu espiritualmente e lhes deu identidade. Eles fazem parte da “grande nuvem de testemunhas” de todos os cristãos (Hb 12.1). São nossos antepassados espirituais e teológicos. Aprender sua história e o papel que desempenhavam na grande história da teologia é um exercício de entendimento de si mesmo. É o mesmo que conhecer as raízes da própria família.⁴⁴

Conforme Cairns, coadunado aos escritos do colégio apostólico, tem-se os escritos dos pais da igreja, como acima demonstrado, com vistas a se apologeticamente defender-se a pureza da mensagem do evangelho.

Os escritos dos Pais preenchem amplamente o vazio de informações históricas entre o período do Novo Testamento e a última parte do quarto século. Os líderes da Igreja, pela pena e pela voz, construíram uma literatura apologética e polêmica para fazer frente a perseguição externa e à heresia interna. Credos foram concebidos para aclarar as concepções de fé. Assim, os Pais são de enorme importância no estudo do desenvolvimento da vida e do pensamento cristão neste período.⁴⁵

⁴³ CESARÉIA, 1999. p.15.

⁴⁴ OLSON, 2001. p.20.

⁴⁵ CAIRNS, 1995. p. 57.

Conforme Osava, “Desde os primeiros séculos de sua existência, o cristianismo convive com as heresias, que têm como principal característica a negação de uma verdade de fé, devidamente ensinada pela Igreja”. “Este embate entre heresia e ortodoxia só terminará na parusia⁴⁶, pois, de acordo com Paulo, as heresias são necessárias para que os virtuosos possam manifestar-se (1 Cor 11,19)”.⁴⁷

CONCLUSÃO

Por todo o exposto, conclui-se que, ainda que não se possa falar de um arcabouço doutrinário, pronto e acabado ao tempo do colégio apostólico, período de estudo da presente pesquisa, contudo, ensinamentos contrários à mensagem apostólica, pregada pelos apóstolos possuíam o condão de fazer ruir e desconstruir toda a mensagem pregada por estes, bem como de causar separações e facções nas comunidades de fé.

Dessarte, ficou demonstrado que, a questão desses ensinamentos tidos como “desviantes” ou “desvirtuantes”, da mensagem apostólica, demandou árduo trabalho dos defensores do Evangelho, que procuraram com todo o esforço, mormente escriturístico, que se fez necessário, manter a pureza da mensagem apostólica. O que nos leva a crer que, se não fossem

⁴⁶ CONFORME Ferreira, trata-se a Parusia de “uma das doutrinas mais relevantes da religião pentecostal é a crença mítica da volta de Jesus Cristo ao mundo a fim de arrebatá-la sua igreja (seu povo) para um lugar preparado por ele nos céus. Esta seria a “viva esperança” dos fiéis que professam a referida religião. Trata-se de uma complexa doutrina que é descrita por um ramo da teologia denominado “escatologia”. Dentro deste ramo teológico, este acontecimento extraordinário foi denominado de “parusia””. (FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. *A parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo*. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, mai./ago. 2016, p. 323-339).

⁴⁷ OSAVA, Marcelo Massao. *Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.

combatidos a tempo, levaria a apostasia das comunidades de fé, ao tempo dos apóstolos, bem como também macularia a mensagem evangelical no transcorrer das gerações.

Por conta disso, tendo em mente que a “unidade” da igreja deveria ser preservada, a todo o custo, todo esforço nesse sentido, seria recompensado, pois, evitar-se-iam cisões, facções e partidarismos, haja vista, que o impacto negativo causado pelas heresias, há que se destacar, culminava no afastamento da base confessional da igreja. Por conta disso, a ortodoxia, deveria sempre prevalecer.

REFERÊNCIAS

CERFAUX, Lucien. *O Cristão na teologia de Paulo*. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003.

CERFAUX, Lucien. *O Cristão na teologia de Paulo*. Tradução José Raimundo Vidigal. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus. 2012.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON: *Romanos e 1 e 2 Coríntios*. Tradutor Volume 8 Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero. *Santo Agostinho: Creio na Igreja una e santa*. Acesso em: 25/08/2018. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/santo-agostinho-creio-na-igreja-una-e-santa/>>.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. *A parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo*. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, mai./ago. 2016.

- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2018.
- GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: De Agostinho às vésperas da Reforma*. Tradução Paulo Arantes. Vanuza Helena Freire de Mattos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; KRUGER, Michael J. *A heresia da ortodoxia: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo produtivo*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LORTZ, Joseph. *História de la Iglesia: en la perspectiva de la história del pensamiento*. Trad. Agustín Andreu Rodrigo. Madrid: Cristiandad, 2003.
- MCGRATH, Alister. *Heresia em defesa da fé*. São Paulo: Hagnos, 2014.
- MORRIS, Leon. *I Coríntios: Introdução e Comentário*. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo. Mundo Cristão, 1983.
- NOVO Testamento Interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.
- ORÍGENES. *Orígenes contra Celso*. Trad. Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004.
- OSAVA, Marcelo Massao. *Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.
- PRIGENT, 1993 apud PRIORI, Marcio Luiz. *Os cristãos, de ontem e de hoje, ante a tentação de se acomodarem ao mundo: Uma abordagem a partir de Apocalipse 2-3*. São Leopoldo: EST, 2011. 79 p. (Dissertação, p.23)

PRIOR, David. *A Mensagem de 1 Coríntios: A vida na igreja local*. Trad. Yolanda Mirdsa Krievin. São Paulo: ABU Editora. 1993.

ROBINSON, Edward. *Léxico grego do Novo Testamento*. Trad. Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD. 2012.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CURA ESPIRITUAL E MEDICINA ATUAL: UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA

Joel Worma de Souza⁴⁸
Fernando Albano⁴⁹

RESUMO:

A obra da salvação, segundo a perspectiva cristã, é de caráter integral e, portanto, diz respeito à vida humana em sua totalidade. Em sentido teológico, isso significa concretamente em perdão dos pecados (dimensão espiritual) mas também à cura espiritual e/ou divina (saúde do corpo/mente). Isto posto, o presente artigo, a partir de literatura especializada, tanto no campo teológico quanto médico, defende a ideia de que deve e pode haver um diálogo fecundo entre a teologia e a medicina atual. Pesquisas atuais sugerem uma abordagem holística da saúde humana, que inclui a dimensão espiritual. Logo, é necessário superar preconceitos para com a dimensão religiosa da vida, e seu impacto na saúde das pessoas, assim como os religiosos (cristãos ou não) devem perceber a medicina tradicional como um meio “sagrado”, ou passível de “uso divino” para promover o bem estar humano, objetivo também da proposta evangélica da salvação.

Palavras-chave: enfermidade; cura divina; teologia; medicina.

ABSTRACT:

The work of salvation, according to the christian perspective, is of an integral nature and, therefore, says respect to human life in its entirety. In theological sense, isso concretely means forgiveness of two sins (spiritual dimension) but also spiritual and/or divine healing (health of the body/mind). This post, or present article, based on specialized literature, both in the theological and medical fields, defends the idea that there

⁴⁸ Bacharel em Teologia pela Faculdade Refidim, Jlle/SC. Graduado em Farmácia – Análises Clínicas e Graduado em Medicina. Pós-graduado em Programa Saúde da Família.

⁴⁹ Licenciado em Ensino Religioso (Ciências da Religião) pela UNIVILLE, Jlle/SC. Mestre e doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS.

should and can be a fruitful dialogue between theology and current medicine. Current research suggests a holistic approach to human health, which includes the spiritual dimension. So, it is necessary to overcome preconceptions with regard to the religious dimension of life, and its impact on the health of people, just as religious (Christians or not) must perceive traditional medicine as a "sacred" means, or passive of "divine use" to promote good human being, which is also the objective of the evangelical proposal of salvation.

Keywords: disease; divine cure; theology; medicine.

INTRODUÇÃO

Como se dá o processo do adoecimento, bem como da cura divina? A cura divina existe ainda hoje ou ela esteve restrita ao período bíblico? Existem relatos acadêmicos de curas divinas? As Igrejas estão preocupadas em catalogar essas curas a fim de deixar o registro às futuras gerações? Há espaço na medicina atual, para a crença em cura espiritual?

Apesar do suporte bíblico e empírico para a cura espiritual, existem várias barreiras para aceitá-la por parte da medicina tradicional. Duas das principais barreiras à aceitação da cura espiritual são as ideologias e teorias profissionais. Essas posturas profissionais desempenham um papel crítico no desinteresse pelas experiências espirituais por parte da comunidade médica. Outro obstáculo para o reconhecimento da cura divina são as teologias divergentes em relação às experiências espirituais pentecostais. Muitas pessoas de fé teísta aderem a teologias que muitas vezes impedem experiências de cura

pelo Espírito Santo. O desafio é trilhar um caminho teológico que dialogue com a medicina atual, porém, sem abrir mão da fé na possibilidade da cura divina.

A doutrina e prática da cura pela fé tem sido uma marca registrada do pentecostalismo desde o seu início e ajuda a explicar o amplo apelo do movimento. Embora a “cura divina”, como é chamada por pessoas de dentro, tenha trazido esperança aos enfermos, também tem sido fonte de desencanto e controvérsia. A comunidade médica, geralmente é cética quanto à sua possibilidade. Diante disto, pretende-se fazer um diálogo entre a perspectiva teológica e médica/acadêmica, a fim de se propor caminhos alternativos à compreensão da cura divina, que leve em conta tanto dados médicos quanto teológicos.

1. FUNDAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO SOBRE AS DOENÇAS

De acordo com a fé cristã, as doenças, bem como qualquer sofrimento humano, são frutos da queda adâmica. O sofrimento e o pecado sempre serão contra a vontade de Deus e a maior prova disso é que Deus foi ao extremo ao criar um plano de redenção para a humanidade.⁵⁰

Há muitas especulações sobre o processo de adoecimento, sendo que em algumas religiões estar doente significa estar possuído por um espírito mal ou não estar em comunhão com Deus. Muitos mitos foram criados em cima do processo de adoecimento, causando muita confusão na mente dos crentes, pois muitas dessas interpretações não são condizentes

⁵⁰ HORTON, S. M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

com o processo de adoecimento de acordo com os princípios bíblicos.⁵¹

No Antigo Testamento, para Israel, as doenças e sofrimentos estavam ligados ao pecado, bem como a ira divina. Vemos várias passagens onde determinado personagem está em sofrimento devido aos seus pecados, sendo que em muitos casos o perdão de Deus leva a cura. Em contrapartida, no Novo Testamento, Jesus cura enfermos e ordena para que eles não pecassem mais. Há ainda algumas passagens em que Jesus expulsa demônios que estavam causando doenças em pessoas que eram trazidas até Ele. Tudo isso para que se fantasiasse ainda mais sobre as doenças, atribuindo além do pecado, possessões demoníacas, conclusões essas muito simplificadas e exageradas. No entanto, a Bíblia não faz nenhuma menção de que o crente enfermo possa estar enfrentando alguma possessão demoníaca, nem que sua enfermidade seja fruto do pecado.⁵²

Os Evangelhos relacionam pecado e enfermidade com cura e perdão. Há uma passagem em Marcos 2.5 onde Jesus fala ao paralisado “perdoados estão teus pecados” e cura-o em seguida. No entanto, não há nenhum ensinamento onde Jesus explica uma possível relação entre pecado e enfermidade, inclusive Jesus repudiava essa relação. O que vemos na Bíblia é a relação entre pecado e sofrimento, sendo que o adoecer é uma forma de sofrimento.⁵³

Jesus não vinculou as doenças a pecados, apesar de em algumas

⁵¹ JOSEPHINO, M. F. *Cura divina: fé, razão e o papel do diálogo na sala de aula encontro nacional de ensino de ciências da saúde e meio ambiente*. Niterói, 2018. Disponível em: <<http://www.enecienciasanais.uff.br/index.php/venecienciasubmissao/VE NECiencias2018/paper/viewFile/484/332>>. Acesso em: jul.2022.

⁵² HORTON, 2018.

⁵³ HORTON, 2018.

situações Ele perdoar pecados e cura enfermidades ao mesmo tempo. Na passagem do Evangelho de João, capítulo 9, há o relato de um homem cego, onde os discípulos perguntaram a Jesus se o homem havia pecado ou fora seus pais, sendo que Jesus responde categoricamente que ninguém havia cometido pecado que levasse o homem a cegueira, mas que a doença do qual ele estava acometido era para a manifestação do Reino de Deus, onde, na sequência, Jesus promove a cura. Ao homem é permitido adoecer, mas isso não significa que seja uma punição de Deus diante do pecado.⁵⁴

2. FUNDAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO PARA A CURA ESPIRITUAL

Stanley Horton, teólogo pentecostal, afirma que há quatro razões para crermos que Deus cura na atualidade. Cita como primeira o fato da própria Bíblia relatar a existência da cura divina e que, como ela é inspirada pelo Espírito de Deus, torna-se atual em nossos dias. Nela encontramos passagens em que Jesus curava enfermos e como o mesmo permanece vivo entre nós e por crermos Nele é que ainda hoje temos o seu agir.⁵⁵ Não podemos esquecer que em Hebreus, capítulo 13 e versículo 8 temos a afirmativa que “Jesus é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.⁵⁶ Então, se Jesus curou no passado, continua curando nos dias de hoje e continuará curando nos dias vindouros.

O segundo motivo para crermos na cura divina é que ela está

⁵⁴ ERICKSON, M. J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

⁵⁵ HORTON, 2018.

⁵⁶ BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo: desafios de todo homem*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

incluída na expiação de Cristo. A Bíblia nos ensina que a cura anda juntamente com a salvação. Todo o dom recebido provém da cruz de Cristo. Já o terceiro motivo para crermos na cura divina está na nossa própria natureza. Somos uma unidade composta por corpo, alma e espírito e a salvação está atrelada a essas três faces. E, por fim, ainda segundo o mesmo autor, a cura espiritual deve ser entendida como a restauração do mundo após a queda. Deus não é a favor que soframos, uma vez que o sofrimento é uma consequência da Queda de Adão, mas que tenhamos vida em abundância.⁵⁷

As doenças são uma consequência da Queda e através de Jesus, por meio da expiação, são anuladas juntamente com os pecados. No entanto, é importante destacar que nem toda doença é fruto de pecado. Jesus se solidariza com os sofrimentos humanos e veio ao mundo para vivenciá-los. Cristo curou durante o seu ministério e continua curando nos nossos dias. Nem todos os pedidos de curas serão atendidos, mas todos os pedidos de perdão, se feitos de coração sincero, serão atendidos.⁵⁸

As doenças surgiram como uma maldição que leva a morte física. No entanto, Cristo nos salvou dessa maldição através de sua morte na cruz⁵⁹, conforme atesta o livro de Isaías 53.4-5 onde afirma que “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças [...] e pelas suas feridas fomos curados”,⁶⁰ trecho esse que se refere a nossa cura física e também espiritual. Assim sendo, a expiação nos deu a

⁵⁷ HORTON, 2018.

⁵⁸ ERICKSON, 2015.

⁵⁹ GRUDEM, 1999.

⁶⁰ BÍBLIA, 2012, p. 833

libertação dos pecados como também a cura das doenças, tendo a salvação como destino final desse processo com a segunda vinda de Cristo. As curas que Deus nos concede são uma amostra do porvir na eternidade.⁶¹

Jesus também deixou claro que a cura se dava pela fé, seja do enfermo, seja de terceiros que intercediam pelos enfermos. Apenas o perdão é que era dado à pessoa que estava acometida pelo pecado e que buscava por arrependimento, não sendo possível a intercessão de terceiros para a remissão de pecados.⁶²

A promessa da ressurreição do nosso corpo está no fundamento da expiação, onde receberemos a cura completa para termos um corpo perfeito. Jesus morreu inteiro por nós e ressuscitou inteiro por nós. Vemos ainda a saudação “paz” nas epístolas de Paulo referindo-se a paz de Jesus, que atinge as três esferas humanas: corpo, alma e espírito, ou seja, também atribui a plenitude do ser, como no tempo do Éden, pois a expiação de Cristo é completa, valendo tanto para o corpo como para a alma.⁶³

Faz-se necessário destacar que a cura também pode ser um dom advindo do Espírito Santo ao crente conforme a teologia sistemática pentecostal. Trata-se de um dom de manifestação sobrenatural operado pelo Espírito Santo para a cura de enfermidades do corpo e da mente e pode ser manifestado tanto em crentes como descrentes. A manifestação pode vir através de uma palavra, oração, gesto, olhar, imposição de mãos, unção com óleo, bem como através de outro dom.⁶⁴

⁶¹ GRUDEM, 1999.

⁶² ERICKSON, 2015.

⁶³ HORTON, 2018.

⁶⁴ GILBERTO, A. *Et al. Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

A busca pela cura divina deve ser balizada quando há a intervenção humana. Para se entender melhor, dentro do processo da cura, Deus é o centro e não o homem. Assim, práticas como benzimentos, amuletos ou qualquer outro fator que distraia a atenção de quem está buscando a cura representa um risco a ação verdadeira de Deus. Tudo o que for interferência humana retira o foco da cura ministrada por Deus. Há apenas o respaldo da unção com óleo, pois a Bíblia cita essa prática, mas desde que como uma forma simbólica, já que é através da oração que a cura poderá ser alcançada.⁶⁵

A simbologia da cura na Bíblia se dá através da oração com imposição das mãos (o próprio Cristo promoveu muitas curas dessa forma), bem como a unção com óleo por parte dos discípulos de Jesus, lembrado que o fator fé é fundamental nesse processo.⁶⁶

As curas divinas servem para lembrar os cristãos sobre a mensagem do Evangelho e sobre o Reino de Deus. Demonstram ainda a misericórdia de Deus para conosco. Servem, ainda, para se glorificar a Deus pois a cura divina é uma prova material da Sua existência. Devemos orar pela cura divina pois Deus tem prazer em curar enfermos, sem esquecer que os propósitos de Deus são soberanos e nem sempre a oração será convertida na tão esperada cura. E mais: há pessoas que receberão o dom de cura, e Deus, através do Espírito Santo e pela invocação do nome poderoso de Jesus, permitirá que a pessoa agraciada com esse dom ore por

⁶⁵ SCHAURICH, H. C. Unção com óleo e cura divina. *Anais do congresso internacional da faculdade EST*. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. Disponível em:

<<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/305/240>>. Acesso em: jul. 2022.

⁶⁶ GRUDEM, 1999.

outras pessoas que estejam enfermas para que sejam curadas.⁶⁷

Devemos entender que a cura divina nada mais é do que uma amostra, um adiantamento dos sinais do Reino. A cura faz parte do ministério da Nova Aliança. Ela representa a misericórdia de Deus ante ao enfermo e devemos vê-la como uma forma de glorificar a Deus através das suas provas materiais que Ele nos confere, uma vez que não somos merecedores de bençãos.⁶⁸

3. O PAPEL DA MEDICINA NO PROCESSO DE CURA

Sabemos que a medicina é capaz de promover a cura de doenças, através do uso de medicações e de outros procedimentos técnicos. No entanto, essa cura se restringe ao corpo físico. Já a cura espiritual atinge todas as esferas humanas, pois ela é administrada pelo Espírito de Deus, podendo, pelo Seu poder, promover sim a cura física. Mas a cura divina somente é possível pela fé humana. Sem esse elemento, não há como o Espírito agir.⁶⁹

Devemos reconhecer a medicina como algo importante à humanidade. No entanto, não podemos esquecer às suas limitações. Prova disso foi a pandemia de COVID-19.⁷⁰ Devemos entender que “o Espírito Santo guia os médicos nos tratamentos desde as consultas até as cirurgias, sem que muitos deles tenham consciência disso”.⁷¹ A cura de uma doença

⁶⁷ GRUDEM, W. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

⁶⁸ GRUDEM, 1999.

⁶⁹ CAPSS, C. *O poder criativo de Deus para a cura*. Campinha Grande: Rhema Brasil Publicações, 2021.

⁷⁰ SOARES, E. *O verdadeiro pentecostalismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

⁷¹ SOARES, 2020, p. 128.

é sempre um milagre, mesmo quando temos a medicina como intermediária nesse processo, uma vez que os médicos estão sendo dirigidos por Deus, pois só Deus pode operar milagres.⁷²

Com relação ao uso de medicações, com certeza Deus aprova, pois, as substâncias com as quais eles são produzidos vem da natureza e a natureza faz parte da criação de Deus. Ele mesmo afirmou em Gênesis 1.31 que “tudo havia ficado muito bom”⁷³. O Salmo 24.1 afirma ainda que “Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe”⁷⁴, nos informando que os medicamentos são a permissão de Deus. Assim sendo, quando dispomos de recursos para nos tratar e não o utilizamos, estamos tentando a Deus da mesma forma que Satanás tentou Jesus no deserto, na tentativa de exigir de Deus um milagre imediato.⁷⁵

Precisamos entender ainda que com o avanço da ciência, criou-se um distanciamento ainda maior entre a fé e a razão, deixando de lado o teocentrismo em detrimento do antropocentrismo. Esse reforço dado a razão fez com que as crenças religiosas passassem a ser algo mágico e fantasioso, caindo em descrédito pela comunidade científica de então e a ciência passou a ser a soberana de tudo. A medicina, nessa época, modificou totalmente a sua visão de doença e adotou o modelo biomédico, onde se acreditava que todas as doenças eram oriundas exclusivamente de alterações físicas nos organismos humanos, não havendo qualquer

⁷² SOARES, 2020.

⁷³ BÍBLIA, 2012, p. 5.

⁷⁴ BÍBLIA, 2012, p. 637.

⁷⁵ GRUDEM, 1999.

interferência ou influência da parte espiritual ou religiosa.⁷⁶

Passaram-se séculos para que a ciência repensasse e voltasse atrás nesse conceito errôneo, entendendo a necessidade de ver o ser humano não apenas na sua dimensão física, mas também nas suas dimensões subjetivas. Com isso criou-se o modelo médico biopsicossocial, onde a medicina passou a ver as pessoas nas suas dimensões física, psíquica e social no que tange ao processo de adoecimento.⁷⁷

A Organização Mundial da Saúde (OMS) atualmente considera saúde como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença”. Essa visão mais holística tem despertado, recentemente, estudos sobre a relação entre a espiritualidade e saúde como dimensões do cuidado.⁷⁸

Os estudiosos estão se voltando para a influência da espiritualidade/religiosidade e seus impactos no processo saúde-doença, impactos esses que podem ser positivos (na grande maioria das vezes), mas também negativos (quando levados a uma religiosidade extrema e conseqüentemente o abandono dos tratamentos médicos). As pessoas que possuem uma crença tendem a enfrentar as doenças, em especial as terminais, de uma forma mais serena, aceitando o sofrimento como parte

⁷⁶ SILVA, E. et al. QUAL É A INFLUÊNCIA DA FÉ NO PROCESSO DE TRATAMENTO DE PACIENTES COM DOENÇAS GRAVES? *Semana de Enfermagem da Ajes Juara*, Juara -Mt, v. 1, n. 1, maio 2019. Disponível em: <https://eventos.ajes.edu.br/semana-enfermagem-juara/uploads/arquivos/5dd6e68a1aebf_F-NO-PROCESSO-DE-TRATAMENTO-DE-PACIENTES.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

⁷⁷ SILVA, E. et al. 2019.

⁷⁸ RUTHES, V. R. M.; ESPERANDIO, M. R. G. Cuidado espiritual e a busca da integralidade do ser humano: reflexões a partir da teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n.1, jan./jun 2019. Disponível em: <<http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/640/552>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

do processo e depositando as suas esperanças na intervenção divina. E isso tem despertado o interesse, inclusive, por parte dos profissionais da saúde que vem observando esse fenômeno, concluindo o quão importante é que o doente tenha uma espiritualidade.⁷⁹

A ciência biológica nos diz que a fé é o resultado da interconexão de diversas regiões cerebrais. Foi demonstrado que orações repetidas diminuem os batimentos cardíacos e o ritmo da respiração, baixam a pressão sanguínea e reduzem a velocidade das ondas cerebrais. Há evidências que a medicina, a psiquiatria, a psicologia e a psiconeuroimunologia se propõem a respeitar a importância da fé e das crenças, religiosas ou não, do paciente na evolução de sua doença.⁸⁰

Assim, em muitos centros especializados de saúde está se promovendo uma maior abertura para os aspectos espirituais do ser humano, sendo que já há hospitais em que há presença de teólogos, capelães, pastores e padres como membros integrantes da equipe de cuidado de saúde de pacientes terminais, com o intuito de se ampliar o cuidado, partindo da esfera física e mental que atualmente já existem, para a esfera espiritual. A teologia tem muito a contribuir no campo do cuidado, pois envolve a espiritualidade diretamente no cuidado com o ser humano.⁸¹

Segundo Silva, há estudos sendo elaborados no Brasil e no mundo sobre a influência da religião ou espiritualidade e seu modo de lidar com doenças graves:

A fé participa do processo saúde-doença através do estabelecimento de métodos ou padrões de pensamento que

⁷⁹ RUTHES, 2019.

⁸⁰ MADRUGA, C. M. D. *Importância da fé na medicina*. 2005. Portal Conselho Federal de Medicina, p.2. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/artigos/importancia-da-fe-na-medicina/>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

⁸¹ RUTHES, 2019.

favorecem o enfrentamento pessoal da doença e o estabelecimento de uma perspectiva mais otimista ou resignada diante do quadro clínico, por meio da crença de que nada acontece por acaso e sem propósito, pois há um Ser Superior no comando dos acontecimentos mais confusos, negativos e inesperados.⁸²

É sabido que a enfermidade leva a pessoa a buscar novas possibilidades e sentidos à sua vida e seu sofrimento. E a espiritualidade é um campo promissor nesse aspecto, na medida que abraça as fragilidades do ser humano e busca um sentido maior à sua existência. Na teologia, encontra-se o conforto de uma vida vindoura, sem sofrimentos, com um corpo perfeito e eterno⁸³. Sob essa visão, o cuidador espiritual promove à pessoa cuidada o apoio necessário para o enfrentamento do seu sofrimento, com o renovo do seu sentido de existência, sempre buscando a integralidade do ser humano.⁸⁴ “Os pacientes que possuem doenças crônicas e muitas vezes incuráveis apegam-se a fé e ao ato religioso como forma de encontrar um apoio e um alívio para sua dor.”⁸⁵

A abordagem espiritual nas doenças mentais ainda está engatinhando em termos de estudos científicos. No entanto, ela tem chamado a atenção dos cientistas na medida que vem apresentando resultados benéficos no tratamento de doenças psiquiátricas. Há uma grande ênfase na atualidade em se estudar as pessoas que sofrem dessas

⁸² SILVA, E. et al. 2019, p. 9.

⁸³ RUTHES, 2019.

⁸⁴ RUTHES, 2019.

⁸⁵ LUCCHETTI, G.; ALMEIDA, L. G. C.; GRANERO, A. L. Espiritualidade no paciente em diálise: o nefrologista deve abordar?. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, [S.L.], v. 32, n. 1, mar. 2010, p. 129. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/jbn/a/M7CcJWqttvRNNQh4wsVYtK/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 11 nov. 2022.

doenças e sua relação com a religiosidade e espiritualidade, em detrimento puro da visão biológica e psicológica.⁸⁶

O *coping* religioso, termo empregado pela primeira vez por Kenneth Pargament, refere-se ao uso da espiritualidade/religião para o manejo do estresse e doenças psiquiátricas, sendo hoje uma importante ferramenta para a saúde mental.⁸⁷

Hefti cita estudos entre pacientes psiquiátricos internados que manifestavam uma religião pública (aquela praticada em público, como cultos e missas), bem como uma espiritualidade individual, apresentavam sintomas depressivos de menor intensidade e permaneciam menos tempo internados. O autor cita ainda estudos realizados com idosos com diagnóstico de depressão onde se descobriu que quem possuía uma religiosidade intrínseca (religião com um fim em si mesma) apresentava um tempo menor de doença. Em resumo, ele encontrou relações importantes entre estilos positivos de pessoas doentes que viviam uma religiosidade, com melhores resultados na saúde mental.⁸⁸ “ Estilos de coping religioso como a percepção da colaboração com Deus, busca de suporte espiritual vindo de Deus foram associadas com redução da depressão e redução da ansiedade”.⁸⁹

Os profissionais da saúde admitem a influência positiva da

⁸⁶ HEFTI, R. Integrando religião e espiritualidade no cuidado em saúde mental, na psiquiatria e na psicoterapia. *Interação em psicologia*, Curitiba, v. 23, n. 02, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68486>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

⁸⁷ HEFTI, 2019.

⁸⁸ HEFTI, 2019.

⁸⁹ HEFTI, 2019, p. 309.

religiosidade/espiritualidade nos tratamentos clínicos, em especial nas doenças terminais, uma vez que os pacientes que possuem essas práticas espirituais apresentam um melhor enfrentamento ao sofrimento causados por esses tipos de doenças.⁹⁰

As pessoas religiosas são fisicamente mais saudáveis, têm estilos de vida mais saudáveis e requerem menos cuidados de saúde. Existe uma associação entre espiritualidade e saúde, provavelmente válida e possivelmente causal. É plenamente reconhecido que a saúde dos indivíduos é determinada pela interação de fatores físicos, mentais, sociais e espirituais.⁹¹

A esperança promove perspectivas positivas para o futuro, permitindo uma forma mais tranquila de se viver o presente, onde o indivíduo tem fé em relação à sua cura. É essa esperança que move o doente a lutar contra a sua realidade, dando forças para resolver problemas e dificuldades. Uma das formas de enfrentamento das doenças e da própria morte está diretamente relacionada a fé e religiosidade. Assim sendo, a fé traz o conforto diante do medo da morte ao mesmo tempo que dá a esperança de uma vida melhor, mesmo que em outra dimensão.⁹²

A religiosidade também promove um suporte social, pois as pessoas que praticam a mesma fé tendem a se aproximar ao se depararem com alguém do seu grupo que está enfrentando algum tipo de dificuldade. Assim sendo, não apenas o doente se favorece, mas seu grupo familiar

⁹⁰ GERONE, 2016.

⁹¹ MOREIRA, C. N. O. *et al.* Associação de fatores sociodemográficos e clínicos com espiritualidade e esperança de cura de pessoas estomizadas. *Revista de coloproctologia*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, jul./set. 2016, p. 03. Disponível em: <<https://www.thieme-connect.de/products/ejournals/abstract/10.1016/j.jcol.2016.04.009>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

⁹² MOREIRA, 2016.

próximo.⁹³

As pessoas religiosas possuem melhor saúde física e maior ajustamento psicológico, apresentando menores níveis de comportamentos problemáticos nos meios sociais. A espiritualidade fortalece a pessoa na sua individualidade e melhora a sua autoestima pois faz a pessoa se sentir mais valorizada enquanto elemento da Criação. A religião dispõe uma estrutura para que a pessoa enfrente as suas dificuldades relacionadas ao processo saúde-doença.⁹⁴

Pereira aponta um estudo que observou menores taxas de mortalidade, de doenças cardiovasculares e câncer em indivíduos religiosos, ou seja, pessoas que praticavam intensamente uma religião, concluindo que a religiosidade/espiritualidade é um fator de proteção para a saúde.⁹⁵ Já Lucchetti aponta um outro estudo realizado com pacientes em hemodiálise buscando estabelecer a relação entre mortalidade em espiritualidade. As conclusões desse estudo foram que as pessoas que possuíam algum tipo de fé e se “prendiam” a ela tiveram maior sobrevida.⁹⁶

Assim sendo, o grande desafio hoje para a medicina e o médico é ver seu paciente de maneira integral. Dessa forma, faz-se necessário haver uma sincronia entre religião e medicina, promovendo ao paciente não apenas o bem-estar físico e psicológico, mas também o bem-estar espiritual. Chama-se a esse modelo de medicina teossomática. O autor

⁹³ SILVA, E. et al. 2019.

⁹⁴ HEFTI, 2019.

⁹⁵ PEREIRA, V. N. A.; KLÜPPEL, B. L. P. A. 2019.

⁹⁶ LUCCHETTI, G.; ALMEIDA, L. G. C.; GRANERO, A. L. 2010.

aponta ainda que o fato de o médico se interessar pela religiosidade do seu paciente melhora a relação entre ambos.⁹⁷

Conforme Madruga, a fé e a ciência devem se completar uma na outra. A autora cita o que Hipócrates já afirmava: “Tratará tanto melhor as doenças quanto melhor souber, face à situação presente, prever o estado futuro e ao mesmo tempo discernir se existe algo divino nas doenças, porque é esse também um prognóstico a fazer”.⁹⁸

CONCLUSÃO

A cura é um conforto ao doente, mostrando que Deus tem misericórdia por nós e não admite o sofrimento humano, ao contrário do que muitos pensam. Ela deve ser entendida como uma benção de Deus a nós. Sempre que tivermos a nossa saúde prejudicada, Deus está ativo na obra da restauração. Somos chamados a pregar o seu Evangelho até a segunda vinda de Jesus e nesse processo de pregação devemos sim falar sobre as curas espirituais para que as pessoas sejam despertadas a seguirem esse Evangelho que cura, que salva e que batiza no Espírito Santo.⁹⁹

Há poucos estudos em perspectiva teológica sobre a religiosidade/espiritualidade e sua relação com profissionais da saúde. A teologia é uma importante ferramenta, enquanto ciência, para intermediar essas questões de espiritualidade e sofrimento humano frente às patologias,

⁹⁷ PEREIRA, V. N. A.; KLÜPPEL, B. L. P. A. Cura pela Fé: um diálogo entre ciência e religião. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 93, 26 mar. 2019.

Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3033>>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁹⁸ MADRUGA, C. M. D. 2005, p.2.

⁹⁹ HORTON, 2018.

na medida que traz ressignificações à existência humana diante dessa triste realidade.

O processo de cura divina precisa ainda ser melhor catalogado pela comunidade teológica científica. Há uma carência grande na elaboração de material acadêmico relatando as curas divinas, que sabemos que estão presentes em nossos dias. Ainda vivemos um processo de teologia narrativa, no que tange as curas divinas, em especial entre o meio pentecostal, dada a escassez de relatos escritos nesse meio.

Assim sendo, os teólogos precisam se envolver mais nesse departamento da teologia sistemática, pois isso pode representar um caminho de aproximação ainda maior entre a ciência médica e a teologia, podendo despertar por parte da medicina o interesse pelas experiências vividas pela teologia no que tange o processo de cura espiritual.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo: desafios de todo homem*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

CAPSS, C. *O poder criativo de Deus para a cura*. Campinha Grande: Rhema Brasil Publicações, 2021.

ERICKSON, M. J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GERONE, L. T. G. A religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais da saúde. *Interações*, v. 11, n. 20, dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n20p129>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

GILBERTO, A. *Et al. Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro:

CPAD, 2020.

GRUDEM, W. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HEFTI, R. Integrando religião e espiritualidade no cuidado em saúde mental, na psiquiatria e na psicoterapia. *Interação em psicologia*, Curitiba, v. 23, n. 02, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68486>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

HORTON, S. M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

JOSEPHINO, M. F. Cura divina: fé, razão e o papel do diálogo na sala de aula. *V encontro nacional de ensino de ciências da saúde e meio ambiente*. Niterói, 2018. Disponível em: <<http://www.enecienciasanais>> Acesso em: jul.2022.

LOPES, A. P. H.; DANTAS, B. S. A. Representações sociais da cura divina no contexto neopentecostal. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, ago.2017 Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo> >. Acesso em: jul. 2022.

LOPES, M. Pentecostalismo no Brasil e a cura divina: um olhar histórico e fenomenológico. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br>>. Acesso em: jul. 2022.

LUCCHETTI, G.; ALMEIDA, L.; GRANERO, A. L. Espiritualidade no paciente em diálise: o nefrologista deve abordar?. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, [S.L.], v. 32, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br> >. Acesso em: 11 nov. 2022.

MADRUGA, C. M. D. Importância da fé na medicina. 2005. Portal Conselho Federal de Medicina. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/artigos/importancia-da-fe-na-medicina>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MOREIRA, C. N. O. et al. Associação de fatores sociodemográficos e clínicos com espiritualidade e esperança de cura de pessoas estomizadas. *Revista de coloproctologia*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, jul./set. 2016.

Disponível em: <<https://www.thieme-connect.> >. Acesso em: 30 jul. 2022.

PEREIRA, V. N. A.; KLÜPPEL, B. L. P. A. Cura pela Fé: um diálogo entre ciência e religião. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, [S.L.], v. 12, n. 1, mar. 2019. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br> >. Acesso em: 10 set. 2022.

POYTHRESS, V. S. *Milagres de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

RUTHES, V. R. M.; ESPERANDIO, M. R. G. Cuidado espiritual e a busca da integralidade do ser humano: reflexões a partir da teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 1, jan./jun 2019. Disponível em: < <http://revistas.est.edu.br> >. Acesso em: 01 dez. 2022.

SCHAURICH, H. C. Unção com óleo e cura divina. *Anais do congresso internacional da faculdade EST*. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br> >. Acesso em: jul. 2022.

SILVA, E. et al. Qual é a influência da fé no processo de tratamento de pacientes com doenças graves? *Semana de Enfermagem da Ajes Juara, Juara -Mt*, v. 1, n. 1, maio 2019. Disponível em: <<https://eventos.ajes.edu.br.>>. Acesso em: 18 set. 2022.

SIMÕES FILHO, J. *A teologia bíblica da cura*. São Paulo: FSC, 2014.

SOARES, E. *O verdadeiro pentecostalismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

MONTANISMO: PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO COMUNITÁRIA CARISMÁTICA E INFLUÊNCIA NO CRISTIANISMO HISTÓRICO

Jean Luc Fobe ¹

RESUMO:

O montanismo foi fundado por Montano da Frígia no início do segundo século da EC. Os montanistas apregoavam uma religião centralizada na divindade do Espírito Santo com profecia extática, visão escatológica, celibato, missões, ministério feminino, independência do bispado católico, restrições dietéticas, ascetismo, manifestações proféticas e extáticas, glossolalia, visão escatológica, ênfase missionária, abertura do cânon para complementação das revelações proféticas, e escatologia pré-milenista. Não existe ligação histórica do montanismo com os movimentos pentecostais contemporâneos, mas é considerado a primeira manifestação histórica comunitária espontânea de valorização dos dons espirituais. Admite-se em paralelo a sua contribuição histórica posterior para a adoção do celibato pelo catolicismo romano.

Palavras-chave: Montanismo, Nova Profecia, História da Igreja Cristã, movimentos carismáticos.

ABSTRACT:

Montanism was founded by Montanus of Phrygia in the early 2nd century CE. Montanists preached a religion centered on the divinity of the Holy Spirit with ecstatic prophecy, eschatological vision, celibacy, missions, women's ministry, independence from the catholic bishopric, dietary restrictions, asceticism, prophetic and ecstatic manifestations, glossolalia, eschatological vision, missionary emphasis, openness of the canon to complement prophetic revelations, and premillennial eschatology. There is no historical link between Montanism and contemporary Pentecostal movements, but it is considered the first historical community manifestation of appreciation of spiritual gifts. Its later historical contribution to the adoption of celibacy by Roman Catholicism is admitted.

Keywords: Montanism, New Prophecy, History of the Christian Church, charismatic movements.

INTRODUÇÃO

O cristianismo surge como um movimento religioso inicialmente restrito na região da Palestina no primeiro século da EC, expandindo-se territorialmente para toda a região mediterrânea, e posteriormente para os limites do Império Romano. A prática religiosa cristã, inicialmente sob influência cultural judaica é transposta para uma ambientação greco-romano, com influências de costumes, pensamentos e práticas, e acarreta mudanças nas suas práticas adaptando-se de maneira dinâmica, e muitas vezes sincréticas. A mudança do ambiente geográfico e cultural palestino para o multiculturalismo do Império Romano anexou ensinamentos, práticas diversas e multifacetárias à igreja cristã florescente¹⁰⁰.

A expansão desta nova religião se sobrepõe ao modelo administrativo religioso centralizador do Império Romano, adquirindo o bispado de Roma uma importância ímpar. Roma se torna a capital conjunta religiosa e política a partir do quarto século da EC, e o cristianismo institucional incorpora a filosofia helênica com o ceticismo, platonismo, estoicismo, ecletismo e mesmo com as religiões de mistério da época¹⁰¹.

A vivência pela ação do Espírito Santo das comunidades cristãs primitivas prevista no livro de Atos (Atos 1:8) é alterada pela sacramentalização ritualística das religiões existentes, associada ao

100 GONZALEZ, Justo L. *The story of christianity*. Hendrickson Publishers, USA, 200, p. 13-17.

101 TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. ASTE, São Paulo, Brasil, 2000, p. 24-36.

pensamento filosófico grego e pela sua inserção no ambiente cultural de Roma¹⁰².

O processo de propagação do cristianismo foi inicialmente urbano com a expansão dentro dos limites do Império Romano. As comunidades cristãs dispersas geograficamente, adentrando no segundo século, iniciam a polarização entre pagãos e cristãos. O paganismo de forma genérica era associado aos habitantes da zona rural e além dos limites geográficos do Império Romano, e o cristianismo se concentrava predominantemente nas cidades, adquirindo uma característica de sectarismo urbano¹⁰³.

Os ensinamentos e práticas divergentes aos preconizados pela liderança urbana, burocrática e centralizadora dos bispos hierarquicamente estabelecidos da igreja cristã do segundo século da EC são nomeados como heréticos e combatidos energicamente, procurando manter a unidade e centralidade religiosa. A implantação de uma ortodoxia eclesiástica pragmática, busca de unidade central, controle da influência externa multicultural e a falta de liberdade religiosa no Império Romano se confrontam com movimentos religiosos laicos espontâneos, divergentes doutrinariamente do cristianismo institucionalizado, e são considerados heresias¹⁰⁴.

102 KANE, E. Ross. *The Syncretism of Tradition: Reappraising Cultural Mixture in Christianity*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor of Philosophy Department of Religious Studies University of Virginia, 2017.

103 STENBERG, Terje. *The Christianization of the Roman Empire: From Jesus to Constantine*. Master thesis in history, Department of Archaeology, Conservation and History Faculty of Humanities, University of Oslo, 2020.

104 CHUNG, Youjin. *Looking a new at the new prophecy: Tertullian's montanism and pentecostalism as neo-montanism*. Thesis for the in Master of Theology at the University of Stellenbosch, South Africa, 2013. CAIRNS, Earle. E. *O cristianismo através dos séculos*. Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, 1992, p. 93-98.

As heresias que ocorrem na igreja cristã primitiva são classificadas historicamente em legalistas (valorização dos rituais judaicos), filosóficas (gnosticismo, maniqueísmo e neoplatonismo), erros teológicos (montanismo e monarquismo) e sectárias (prática pascal e donatismo)¹⁰⁵.

O montanismo foi considerado desde o seu início como uma heresia pelo bispado católico, pela sua independência das autoridades eclesiásticas, ascetismo, liderança feminina, manifestações carismáticas, e identificado como o proto-pentecostalismo ou proto-carismatismo cristão¹⁰⁶.

Os ensinamentos do montanismo se espalharam rapidamente pelo Império Romano com a atuação de seus profetas itinerantes, por quase dois séculos, e teve adesão inclusive de Tertuliano, considerado um dos mais prolíficos teólogos desta época. A atuação proselitista dos montanistas motivou reação contrária da liderança da igreja cristã primitiva e do Imperador Romano com perseguição e prescrição de todos os escritos deste grupo desde os seus primórdios¹⁰⁷.

A influência dos montanistas em todo o Império Romano com o seu caráter fortemente missionário, desvinculado da sacramentalização do

105 CAIRNS, Earle. E. *O cristianismo através dos séculos*. Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, 1992, p. 78-84

106 ROBECK Jr., Cecil M. Jr. Montanism and Present Day “Prophets”. *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies* 32, no. 3: 413-429, 2010. KIM, Lucien Jinkwang. Is Montanism a Heretical Sect or Petecostal Antecedent? *AJPS* 12:1, p. 113-124, 2009.

107 AMANZE, James. From the periphery to the center: The radical transformation of Pentecostal-charismatic Christianity in the 20th century. *Studia Hist. Ecc.* Vol.34 n.2 Pretoria Dec. 2008.

bispado, atuando por cerca de quatro séculos não pode ser minimizada, mesmo com a eliminação dos seus textos originais e o distanciamento histórico.

Os aspectos históricos, os seus ensinamentos no contexto cultural são apresentados, a sua identidade como primeiro movimento carismático da igreja cristã e identifica a sua influência histórica.

1. HISTÓRIA DO MONTANISMO

As informações históricas sobre o montanismo são obtidas mediante documentos indiretos, com citações ou comentários por escritores da época. Todos os documentos originais deste grupo religioso foram destruídos no quarto século da EC, e as referências históricas de pesquisa são posteriores ao desaparecimento do montanismo¹⁰⁸.

O termo montanismo se associa ao nome do seu fundador, Montano da Frígia, nativo da cidade Mysia, em Ardabau, próximo da fronteira de Frígia, atualmente região centro-oeste da Turquia¹⁰⁹.

Jerônimo de Estrindão, no período compreendido entre os anos de 342-420 da EC, afirma que Montano foi um sacerdote do culto da deusa Cibele, antes da sua conversão ao cristianismo, e teria sido submetido à castração como iniciação ministerial à Rainha dos Deuses. As afirmações de Jerônimo não podem ser confirmadas por outras fontes, principalmente pelas muitas histórias desabonadoras narradas pelos seus opositores. Os montanistas também foram nomeados como Catafríngios por Eusébio,

108 ASH, James. L. Jr. The decline of ecstatic prophecy in the early church. *Theological Studies*. Vol 37, Issue 2, p. 227–252, 1976.

109 DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014.

Epifânio de Chipre e João de Damasco. O ambiente político e econômico no ano de 161 da EC, sob o governo de Marcus Aurelius, era de dificuldade extrema para o Império Romano com os cofres públicos exauridos, disseminação de doenças epidêmicas pelo trânsito das legiões romanas, quebra das fronteiras do norte do império com invasão dos germanos e eslavos, e situação de pobreza disseminada, situação que favoreceu a mensagem de esperança proclamada pelo montanismo¹¹⁰.

O início do movimento iniciado por Montano tem diversas datas prováveis como os anos de 126 da EC, 130 EC, 156 EC ou 171-172 EC. A condenação deste movimento como heresia pela liderança eclesiástica cristã católica ocorreu precocemente por volta do ano de 170 da EC. A chamada Nova Profecia de Montano se espalhou rapidamente pelo Império Romano, adquirindo popularidade pela Ásia, Trácia, Roma, Gália e África. Após a fundação do movimento e liderança inicial de Montano, encontramos as personagens históricas de Prisca e Maximiliana, que se tornam profetizas do movimento, abandonando marido e família, e assumem o papel de Profetisa Máxima. Prisca teria falecido no ano de 179 EC¹¹¹.

Os bispos da igreja cristã primitiva sentindo-se ameaçados com a potencial perda do patriarcalismo, adicionaram às críticas teológicas que as

110 WILLIAMS, D. H. The origins of the montanist movement: a sociological analysis. *Religion*. Volume 19, Issue 4, p. 331-351 1989.

111 CHUNG, Youjin. *Looking a new at the new prophecy: Tertullian's montanism and pentecostalism as neo-montanism*. Thesis for the in Master of Theology at the University of Stellenbosch, South Africa, 2013.

lideranças eram femininas, possesas por demônios e precisavam ser exorcizadas¹¹².

Os montanistas, pelo seu ativismo missionário, se deslocavam continuamente proclamando os seus ensinamentos agravando a oposição dos bispos locais, que se consideravam territorialmente invadidos. No ano de 206 da EC o movimento montanista atinge a província da África, e obtém a adesão favorável do influente teólogo Tertuliano de Cartago. Tertuliano de Cartago, nascido no ano de 155 da EC, filho de um centurião romano, é considerado o grande apologeta católico da época, e faz uma defesa do montanismo na sua obra *Em Êxtase*. A ameaça potencial do montanismo como um movimento carismático independente do controle eclesiástico central na igreja cristã primitiva motivou a realização de um sínodo específico no ano de 160 EC, com a condenação de Montano e seus seguidores por heresia, e com a sua excomunhão¹¹³.

A forte perseguição da liderança católica é atribuída a independência do movimento montanista da hierarquia católica centralizada no bispado de Roma, por se tratar de um movimento predominantemente rural popular em detrimento a situação urbana dos bispos, pela simpatia popular, pelas suas práticas ascéticas e moralistas, do papel feminino na liderança, celibato, e do profetismo independente da clericalismo, de práticas alimentares restritivas próximas ao vegetarianismo, acréscimo da revelação escrita aos textos do Novo

112 STEWART-SYKES, Alistair (1999). The Original Condemnation of Asian Montanism. *The Journal of Ecclesiastical History*, p. 1-22, 1999.

113 SOYRES, John de. *Montanism And the Primitive Church: A study in the Ecclesiastical History of the Second Century*. Cambridge, Deighton, Bell & Co., London, England, 1878. CHUNG, Youjin. *Looking a new at the new prophecy: Tertullian's montanism and pentecostalism as neo-montanism*. Thesis for the in Master of Theology at the University of Stellenbosch, South Africa, 2013.

Testamento e ao seu caráter missionário sem restrições geográficas das dioceses. Os privilégios, com salários e vantagens pessoais proporcionais aos graus hierárquicos dos cargos eclesiais, também são considerados fatores da oposição dos bispos aos montanistas, que exerciam um comportamento asceta¹¹⁴.

O montanismo adquiriu características próprias como antítese as práticas da igreja católica da época. A igreja romanista partia da conquista das autoridades urbanas na missão de disseminação religiosa, enquanto os seguidores de Montano partiam do ambiente rural periférico para o urbano. A igreja montanista projeta uma comunidade cristã secularizada, enquanto a igreja católica destaca o modelo sacramentalizado e hierárquico. O conflito entre o liberalismo montanista e o legalismo sacerdotal católica adquire tons de conflito direto, pondo em risco a própria sobrevivência da hierarquia institucionalizada do bispado de Roma¹¹⁵.

Condenações eclesiais foram feitas em sequência contra os montanistas, com diversos sínodos asiáticos antes do ano de 193 EC. No ano de 202 EC o bispo de Roma, Victor ou Zephireneo, instigado por Sabélio Praxeas, condenou-os novamente, apesar dos protestos formais contrários de Tertuliano. O sínodo realizado em Icônio na época de Firmiliano no ano de 269 da EC ordenou que os montanistas fossem

114 DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014. STEWART-SYKES, Alistair (1999). The Original Condemnation of Asian Montanism. *The Journal of Ecclesiastical History*, p. 1-22, 1999.

115 PATTERSON, Jonathan Merrill. *The Influence of Montanism on the Formation of the New Testament canon. The Canon of the New Testament*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor, The University of Alabama, USA, 2003.

rebatizados para serem readmitidos no ambiente da igreja cristã, segundo citação no cânon de Constantinopla no ano de 381 EC. A partir do ano de 350 da EC, Cyril de Jerusalém, reforça os ataques ao montanismo, incluindo a acusação, não comprovada de sacrifício de crianças, promovendo uma série de pregações sobre o que seriam os ensinamentos corretos sobre a ação do Espírito Santo. Epiphanius em torno do ano de 374-376 EC, nomeia os montanistas de Quintalianos, Priscilianos e Peruzianos como heréticos e acrescenta as acusações que eram praticadas a inserção de agulhas no corpo das crianças, e mesmo sacrificadas. Agostinho no ano de 428 EC acrescenta que os montanistas empregavam sangue de crianças na eucaristia, obtido nos rituais de introdução de agulhas, e as crianças que morriam pelas agulhas eram consideradas mártires. Todas estas afirmações são não comprovadas, e até podem ser consideradas folclóricas¹¹⁶.

As afirmações de utilização de agulhas em crianças e de sacrifícios humanos são de difícil confirmação. A simples tatuagem era associada ao paganismo, a partir da tradição judaica que prescreve a santidade na integridade da pele, e impeditiva da adesão ao cristianismo. Constantino (no período entre os anos de 274-337 EC) promoveu uma perseguição continuada até a extinção completa do movimento montanista no quinto século, com a destruição de todos os documentos e escritos¹¹⁷.

116 WRIGHT, D. F. "Why Were the Montanists Condemned?" *Themelios*. 2.1, 1976, p. 15-22.

117 ELM, Susanna. "Pierced by Bronze Needles": Anti-Montanist Charges of Ritual Stigmatization in Their Fourth-Century Context. *Journal of Early Christian*, Volume 4, Number 4, p. 409-439, 1996. DENNIS E. Groh. "Montanism," Everett Ferguson, ed., *Encyclopedia of Early Christianity*. New York: Garland, p. 622-38, 2000. SHERRATT, B. "Montanism," *The Pentecostal*. Vol. 1, No 1, p. 27-30, 2015.

A destruição dos escritos do grupo dos montanistas é atribuída ao receio que a diversidade na prática religiosa fosse uma ameaça ao Império Romano, atentando contra a paz de Deus (*pax Dei*). No ano de 398 EC Arcadius e Honorius proclamaram um mandato para destruição de todos os escritos montanistas, considerados oficialmente ameaça ao Império. Até o ano de 550 EC alguns manuscritos dos ensinamentos montanistas circulavam pelo Império Romano clandestinamente¹¹⁸.

2. ENSINOS DO MONTANISMO

O movimento montanista recupera a prática do ministério profético da época dos apóstolos do primeiro século, descrito no livro de Atos, é uma resposta popular espontânea a institucionalização do bispado, e desafia as tendências intelectivas do movimento gnóstico. Em oposição a estrutura clerical hierarquizada dos bispos propõem uma liderança laica, partindo de um ambiente considerado rural, e com uma prática asceta. O montanismo se enquadra dentro de uma visão reformista e de reavivamento na igreja cristã primitiva que havia sido submetida a uma secularização associada a urbanização, distanciamento do laicado e de sua institucionalização¹¹⁹.

118 PATTERSON, Jonathan Merrill. *The Influence of Montanism on the Formation of the New Testament canon. The Canon of the New Testament*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor, The University of Alabama, USA, 2003.

119 FREND, W. H. C. Montanism: A movement of prophecy and regional identity in the early Church. *Bulletin of the John Rylands Library*. 70(3): 25-34, 1988. DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014.

Os preceitos do montanismo foram perpetuados historicamente nas obras atribuídas a Tertuliano, escritas a partir do ano de 207 da EC. Outras fontes tardias incluem os escritos de Eusebius: *Historia Ecclesiastica* e de Epiphânio com *Adversus Haereses*¹²⁰.

A Nova Profecia é datada pelo próprio movimento com o batismo de Montano, que quando cheio do Espírito Santo começou a manifestar o dom de línguas ou glossolalia. Os seus ensinamentos apregoavam que a dispensação de Deus ocorreu para o povo de Israel, a dispensação do Filho ocorreu no seu ministério até a sua ressurreição, e a igreja cristã viveria verdadeiramente a contemporaneidade da dispensação do Espírito Santo. A dispensação do Espírito Santo com a promessa do paraclito atinge a sua plenitude mediante as práticas da Nova Profecia montanista¹²¹.

A comunidade montanista centraliza a divindade do Espírito Santo com práticas religiosas na profecia extática, visão escatológica, e práticas ascéticas. A visão ética e moral montanista se contrapunha ao liberalismo vigente na prática religiosa da época pela liderança institucional do bispado romano¹²².

Os fenômenos extáticos vivenciados pelos montanistas correspondem a manifestações fora dos seus sentidos normais, com manifestações muitas vezes motoras com dança, canto, visões, entre outras,

120 LARSON, Brice Andrew, *Lost Prophets: Tertullian, Eusebius, Epiphanius, and Early Montanism*. Thesis in christian history and theology, George Fox University, Nweberg, Oregon, 2015.

121 FRENED, W. H. C. Montanism: A movement of prophecy and regional identity in the early Church. *Bulletin of the John Rylands Library*. 70(3): 25-34, 1988.

122 DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014.

caracterizando as profecias predominantemente preditivas, e a glossolalia com forte componente emocional¹²³.

A hierarquia clerical católica da época apregoava uma secularização da fé cristã em detrimento da expectativa escatológica. Os ensinamentos montanistas resgatavam a essência da expectativa iminente da segunda vinda de Jesus Cristo com a implantação do reino de Deus. Esta oposição doutrinária era mais um fator para a refutação da autoridade eclesiástica católica pelos montanistas, e consequente perseguição. A expectativa escatológica estimulava o benefício do martírio dos membros do montanismo, motivando uma forte atividade missionária¹²⁴.

Eusébio atribui as experiências de êxtase com práticas extravagantes associadas a manifestações de extrema alegria, e participação feminina a experiência prévia de Montano como sacerdote do culto de Cibele de Atis antes da sua conversão ao cristianismo¹²⁵.

Segundo Justino e Atenágoras os ensinamentos sobre moralidade dos montanistas da prática ascetismo e privação das relações sexuais tiveram influência na cristandade do quarto século da EC, e promoveram o conceito que o celibato era sinônimo de espiritualidade. As profecias mediadas pelo Espírito Santo nos seus líderes em situação de êxtase eram consideradas canônicas e acrescentavam ensinamentos ao Novo Testamento. A formação do cânon muratoriano no final do segundo século da EC é uma

123 FORMICKI, Leandro. A profecia e a glossolalia como fenômenos extáticos. *REFLEXUS*. Ano IX, n. 14 (2), p. 367-387, 2015.

124 ROBECK Jr., Cecil M. Jr. Montanism and Present Day “Prophets”. *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies* 32, no. 3: 413-429, 2010.

125 WILLIAMS, D. H. The origins of the montanist movement: a sociological analysis. *Religion*. Volume 19, Issue 4, p. 331-351 1989.

resposta da hierarquia eclesiástica católica e constitui a lista mais antiga dos livros aceitos como inspirados do Novo Testamento¹²⁶.

A atuação profética dos líderes montanista se contrapôs a doutrina vigente que permitia esta prática exclusivamente aos bispos católicos. Prisca segue Montano no cargo de Profeta Máximo, e faz a revelação que a Nova Jerusalém desceria dos céus em Pepuza na Frígia. Tertuliano convertido ao montanismo mantêm a descida da Nova Jerusalém como ensino cristão, mas projeta para a antiga Jerusalém¹²⁷.

A sucessora de Prisca, Maximiliana profetiza que ela seria a última profeta, não existindo mais profecia da parte de Deus após a sua morte, encerrando o processo de revelação da Nova Profecia¹²⁸.

A prática dietética dos montanistas com exclusão de animais e de jejuns também motivou oposição da liderança da igreja católica. Hipólito de Roma no terceiro século da EC faz a acusação que a prática alimentar exclusivamente de grãos e vegetais com jejuns frequentes era inaceitável. O jejum era voluntário aos montanistas e se limitavam ao período diurno, enquanto a igreja tradicional recomendava o jejum voluntário as quartas e

126 PATTERSON, Jonathan Merrill. *The Influence of Montanism on the Formation of the New Testament canon. The Canon of the New Testament*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor, The University of Alabama, USA, 2003. SCHNABEL, Eckard J. The Muratorian Fragment: The State of Research. *JETS*. 57(2), p. 231-64, 2014.

127 SOYRES, John de. *Montanism And the Primitive Church: A study in the Ecclesiastical History of the Second Century*. Cambridge, Deighton, Bell & Co., London, England, 1878.

128 WRIGHT, D. F. "Why Were the Montanists Condemned?" *Themelios*. 2.1, p. 15-22, 1976.

sextas-feiras. Tertuliano na sua obra *De Jejunis*, indicada que praticava 2 semanas de jejum ao ano¹²⁹.

A prática asceta com a exclusão dos prazeres, disciplina física e moral rígida, incluindo a exclusão da prática sexual, com abandono do casamento e a proibição do segundo casamento no caso de separação ou viuvez, é outro ponto de forte oposição do bispado católico, que no processo de secularização se aproximava mais de uma prática hedonista¹³⁰.

O movimento montanista tem um forte caráter missionário migrando de cidade em cidade, com uma estrutura financeira bem definida e independente do bispado¹³¹.

Aspectos gerais dos ensinamentos montanistas¹³²:

Nova Profecia.

Ênfase na profecia extática.

O segundo casamento era condenado.

Valorização do martírio.

Ênfase missionária.

Exclusão do serviço militar.

Atitude ética e moral.

129 DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014.

130 DENNIS E. Groh. “*Montanism*,” Everett Ferguson, ed., *Encyclopedia of Early Christianity*. New York: Garland, 2000, p. 622-38.

131 WILLIAMS, D. H. The origins of the montanist movement: a sociological analysis. *Religion*. Volume 19, Issue 4, p. 331-351 1989.

132 FRIEND, W. H. C. Montanism: A movement of prophecy and regional identity in the early Church. *Bulletin of the John Rylands Library*. 70(3): 25-34, 1988.

Ascetismo.

Restrição alimentar com jejuns frequentes, dieta com grãos e legumes.

Profecia como continuação da mensagem do Novo Testamento.

Expectativa escatológica com a Nova Jerusalém na Frígia.

Perspectiva pré-milenista.

3. O MONTANISMO E OS MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

O movimento montanista é considerado como proto-pentecostalismo ou proto-carismatismo, por algumas similaridades com os movimentos carismáticos cristãos atuais¹³³. A sua origem popular, centralidade na atuação do Espírito Santo com manifestação de dons ou carismas, liderança feminina, glossolalia, centralidade na profecia extática, com abertura para acréscimo aos ensinamentos neotestamentários e o seu empenho missionário são características comuns aos movimentos carismáticos atuais¹³⁴.

Não existe ligação histórica ou influência do montanismo com os movimentos carismáticos contemporâneos. Os movimentos carismáticos contemporâneos têm início a partir do século XX a partir de igrejas cristãs

133 DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014. KIM, Lucien Jinkwang. Is Montanism a Heretical Sect or Pentecostal Antecedent? *AJPS* 12:1, p. 113-124, 2009.

134 FANNING, Don, "Pentecostal and Charismatic Movements". USA: Trends and Issues in Missions. Liberty University, 2009.

não católicas, de maneira independente do montanismo, e com características próprias¹³⁵.

As manifestações de êxtase espiritual, liderança feminina, profecias e glossolalia são encontradas nos movimentos carismáticos modernos. O ascetismo não faz parte da cultura carismática contemporânea, não existe prescrição do celibato ou de prescrições dietéticas¹³⁶.

O montanismo influenciou o catolicismo dos primeiros séculos pela grande disseminação dos seus seguidores e ensinamentos até a sua extinção no quinto século da EC, tanto no laicado, como pela sua confrontação doutrinária com o bispado.

O montanismo pode ter contribuído para a formação do celibato no catolicismo. Justino e Atenágoras associam os ensinamentos sobre moralidade montanista com a privação das relações sexuais do celibato com espiritualidade no quarto século da EC. A primeira indicação da exclusão da prática sexual dos sacerdotes católicos é encontrada no Concílio de Elvira no quarto século da EC, mesmo para os sacerdotes casados. O movimento monástico e a preocupação com a transmissão hereditária de terras motiva a ampliação da indicação da exclusão da prática sexual para o

135 BRUNER, Frederick Dale. Teologia do Espírito Santo. Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, 1970, p. 28-44.

136 AMANZE, James. From the periphery to the center: The radical transformation of Pentecostal-charismatic Christianity in the 20th century. *Studia Hist. Ecc.* Vol.34 n.2 Pretoria Dec. 2008. HYATT, E. L. *2000 Years of Charismatic Christianity*. USA: Hyatt International Ministries, 1996.

celibato no primeiro e segundo concílio de Laterano, nos anos de 1123 e 1139 da EC, respectivamente¹³⁷.

Segundo Justino e Atenágoras os ensinamentos sobre moralidade dos montanistas, da prática ascetismo, privação das relações sexuais tiveram influência na cristandade do quarto século da EC promoveram o celibato como sinônimo de espiritualidade¹³⁸.

CONCLUSÃO

O montanismo é a primeira manifestação cristã carismática organizada, e independente da hierarquia católica da época. Montano da Frígia é o fundador do movimento, incorporando diversas práticas pelo seu passado como sacerdote do culto de Cibele de Atis antes da sua conversão ao cristianismo, justificando o ascetismo, privação de relações sexuais e orientação dietética.

Os ensinamentos deste movimento, de origem popular, se baseiam na profecia e manifestações extáticas, glossolalia, restrição ao casamento, visão escatológica, ênfase missionária, valorização do martírio, abertura do cânon para complementação com revelações proféticas, ascetismo, restrição dietética, comportamento ético e moral, exclusão do serviço militar, ministério sacerdotal feminino e perspectiva escatológica pré-milenista. A expansão e difusão do montanismo pelo seu ativismo missionário influenciou o cristianismo primitivo.

137 FRAZEE, C. A. The Origins of Clerical Celibacy in the Western Church. *Church History*, 41(02), p. 149-167, 1972.

138 FRENCH, W. H. C. Montanism: A movement of prophecy and regional identity in the early Church. *Bulletin of the John Rylands Library*. 70(3): 25-34, 1988.

Os movimentos carismáticos contemporâneos mantêm algumas similaridades com o montanismo, apesar de serem historicamente independentes e das diferenças significativas. Não existe qualquer ligação histórica ou influência direta entre o montanismo e os movimentos carismáticos contemporâneos. Os movimentos carismáticos contemporâneos têm início a partir do século XX a partir de igrejas cristãs não católicas, e tem em comum a valorização da ação do Espírito Santo e os seus dons.

Os ensinamentos ascetas sobre moralidade dos montanistas, com privação das relações sexuais tiveram influência na cristandade do quarto século, e estimularam o celibato como sinônimo de espiritualidade no sacerdócio católico, provavelmente contribuindo para a sua adoção pelo Magistério Católico no Concílio de Elvira, com a exclusão da prática sexual entre os padres casados no quarto século da EC, e com a implantação do celibato no primeiro e segundo concílio de Laterano nos anos de 1123 e 1139 da EC, respectivamente.

REFERÊNCIAS

- AMANZE, James. From the periphery to the center: The radical transformation of Pentecostal-charismatic Christianity in the 20th century. *Studia Hist. Ecc.* Vol.34 n.2 Pretoria Dec. 2008.
- ASH, James. L. Jr. The decline of ecstatic prophecy in the early church. *Theological Studies.* Vol 37, Issue 2, p. 1976, p. 227–252.

- BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, 1970.
- CAIRNS, Earle. E. *O cristianismo através dos séculos*. Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, 1992.
- CHUNG, Youjin. *Looking a new at the new prophecy: Tertullian's montanism and pentecostalism as neo-montanism*. Thesis for the in Master of Theology at the University of Stellenbosch, South Africa, 2013.
- DAVIS, Carol Dawn Jean Davis. *Lessons in Montanism: Charismatics, Feminists, and the Twentieth Century Roman Catholic Church*. Thesis for Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts. University of Arizona, USA, 2014.
- DENNIS E. Groh. "Montanism," Everett Ferguson, ed., *Encyclopedia of Early Christianity*. New York: Garland, p. 622-38, 2000.
- ELM, Susanna. "Pierced by Bronze Needles": Anti-Montanist Charges of Ritual Stigmatization in Their Fourth-Century Context. *Journal of Early Christian*, Volume 4, Number 4, 1996, p. 409-439.
- FANNING, Don, "*Pentecostal and Charismatic Movements*". USA: Trends and Issues in Missions. Liberty Univesity, 2009.
- FORMICKI, Leandro. A profecia e a glossolalia como fenômenos extáticos. *REFLEXUS*. Ano IX, n. 14 (2), 2015, p. 367-387.
- FRAZEE, C. A. The Origins of Clerical Celibacy in the Western Church. *Church History*, 41(02), 1972, p. 149-167.
- FREND, W. H. C. Montanism: A movement of prophecy and regional identity in the early Church. *Bulletin of the John Rylands Library*. 70(3): 25-34, 1988.

GONZALEZ, Justo L. *The story of christianity*. Hendrickson Publishers, USA, 2004.

HYATT, E. L. *2000 Years of Charismatic Christianity*. USA: Hyatt International Ministries, 1996.

KANE, E. Ross. *The Syncretism of Tradition: Reappraising Cultural Mixture in Christianity*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor of Philosophy Department of Religious Studies University of Virginia, 2017.

KIM, Lucien Jinkwang. Is Montanims a Herectical Sect or Petecostal Antecedent? *AJPS* 12:1, p. 113-124, 2009.

LARSON, Brice Andrew, "*Lost Prophets: Tertullian, Eusebius, Epiphanius, and Early Montanism*". Thesis in christian history and theology, George Fox University, Nweberg, Oregon, 2015.

PATTERSON, Jonathan Merrill. *The Influence of Montanism on the Formation of the New Testament canon. The Canon of the New Testament*. Thesis for Partial Fulfillment of Degree of Doctor, The University of Alabama, USA, 2003.

ROBECK Jr., Cecil M. Jr. Montanism and Present Day "Prophets". *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies* 32, no. 3: 413-429, 2010.

SCHNABEL, Eckard J. The Muratorian Fragment: The State of Research. *JETS*. 57(2), p. 231-64, 2014.

SHERRATT, B. "Montanism," *The Pentecostal*. Vol. 1, No 1, p. 27-30, 2015.

SOYRES, John de. *Montanism And the Primitive Church: A study in the Ecclesiastical History of the Second Century*. Cambridge, Deighton, Bell & Co., London, England, 1878.

STENBERG, Terje. *The Christianization of the Roman Empire: From Jesus to Constantine*. Master thesis in history, Department of Archaeology, Conservation and History Faculty of Humanities, University of Oslo, 2020.

STEWART-SYKES, Alistair (1999). The Original Condemnation of Asian Montanism. *The Journal of Ecclesiastical History*, p. 1-22, 1999.

TILLICH, Paul, *História do pensamento cristão*. ASTE, São Paulo, Brasil, 2000.

WILLIAMS, D. H. The origins of the montanist movement: a sociological analysis. *Religion*. Volume 19, Issue 4, p. 331-351, 1989.

WRIGHT, D. F. "Why Were the Montanists Condemned?" *Themelios*. 2.1, p. 15-22, 1976.

MÍSTICA: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA QUE INTERESSA À TEOLOGIA, À PSICOLOGIA E À FILOSOFIA

Hilquias Benício da Silva¹³⁹

RESUMO:

Ao se referir a espiritualidade cristã, está intrínseca a mística. Embora, no contexto moderno, aceite-se bem o termo espiritualidade e, concomitantemente, se nutram reservas para a experiência mística como integrante à prática da fé e da vida cristã. O presente artigo busca apresentar esse tema de interesse comum a diferentes áreas da pesquisa e do saber, interagindo com posicionamentos encontrados pela teologia, pela história do cristianismo, pela psicologia e pela filosofia. Deparando-se com as tradições cristãs do protestantismo e do pentecostalismo, e as contribuições do catolicismo romano, bem como com seus distanciamentos e aproximações da experiência mística. Partiu-se do pressuposto que o diálogo da intercessão de interesse da teologia, filosofia e psicologia podem ser úteis ao crescimento dessas ciências. Para se alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, dentre outras fontes tem-se: Carvalho (2017), Dentee (2017), Eliade (2018), James (2017), Jimeno (2010), Smith (2018). A pesquisa resultou que a experiência mística é elemento essencial à fé cristã e que a razão é uma importante porta de acesso ao conhecimento, mas não é a única. A mística, por

¹³⁹ O autor é Bacharel em Teologia (UMESP), MBA em Liderança, Inovação e Gestão (PUCRS), Especialista em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FABAPAR) e Mestre em Teologia (FABAPAR). Atua como pastor na AD Cidade e é professor na Faculdade Cidade Teológica Pentecostal (FCTP). e-mail: hilquias.benicio@fcidadeteologica.edu.br.

causa de seu fluxo livre e incontrolável, encontrou oposição diante do controle do poder instituído no institucionalismo e a soberania da razão no racionalismo. A contemporaneidade, por outro lado, dá boas-vindas à mística.

Palavras-chaves: Mística. Experiência religiosa. Espiritualidade Cristã. Protestantismo, Pentecostalismo.

ABSTRACT:

When referring to Christian spirituality, mysticism is intrinsic. Although, in the modern context, the term spirituality is well accepted and at the same time there are reservations for the mystical experience as an integral part of the practice of the faith and of the Christian life. This article seeks to introduce this theme of common interest to different areas of research and knowledge, interacting with positions found by theology, history of Christianity, psychology and philosophy. Coming across the Christian traditions of Protestantism and Pentecostalism, and the contributions of Roman Catholicism, as well as with their distances and approaches to mystical experience. It was assumed that the dialogue of the intercession of the interests of theology, philosophy and psychology could be useful to the growth of these sciences. In order to the proposed objective, bibliographic research was used as a methodological procedure, among other sources: Carvalho (2017), Dentee (2017, Eliade (2018), James (2017, Jimeno (2010), Smith (2018). Research has found that mystical experience is an essential element of Christian faith and that reason is an important gateway to knowledge, but it is not the only one. Mysticism, because of its free and uncontrollable flow, has found opposition to the control of power instituted in institutionalism and the sovereignty of reason in rationalism. Contemporaneity, on the other hand, welcomes mysticism.

Keywords: Mystique. Religious experience. Christian Spirituality. Protestantism. Pentecostalism.

INTRODUÇÃO

Há, no presente século, espaço para crer numa realidade para além da ordem natural? Uma realidade sobrenatural? Um encontro com Deus é possível? A experiência religiosa pode ser apenas de ordem intelectual? A fé que liga o mundo natural ao sobrenatural - o finito ao Infinito, a criatura ao Criador, o pecador ao Santo - está sujeita e limitada à razão? É possível uma fé cristã destituída de caráter místico? Embora ‘espiritualidade’, de acordo com Zilles, é um conceito moderno, ele equivale as expressões usadas pelos cristãos antigos: “teologia espiritual, de ascese e de mística ou, simplesmente, de vida cristã e evangélica”.¹⁴⁰ Sendo este um tema de estudo de diferentes áreas da ciência, para elaborar esse artigo, pesquisou-se a mística na busca de contemplar contribuições da teologia, filosofia e psicologia.

Neste artigo, apresentam-se, com brevidade, padrões históricos de espiritualidade cristã, condensando-os em contemplativa e apostólica. Discorre sobre a mística, seu significado, e sua diferenciação do misticismo. Em seguida, argumenta-se sobre a insuficiência da razão e os principais sistemas de oposição à experiência religiosa mística, o eclesiasticismo e o racionalismo. A primeira, por questões práticas de poder e, a segunda, por uma antropologia deficiente. Então, trabalha-se com o protestantismo, o qual encontrou dificuldades, por

¹⁴⁰ ZILLES, U. Espiritualidade cristã. In: TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. da (org.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13.

vezes, em lidar com o caráter místico da fé cristã; Por fim, examina-se o pentecostalismo, que já surgiu em um contexto contemporâneo e, por isso, transita e dialoga melhor com uma sociedade da experiência, no que diz respeito, à assimilação e à promoção da realidade mística do cristianismo.

1 MÍSTICA E PADRÕES HISTÓRICOS DE ESPIRITUALIDADE

Em um mundo dessacralizado, até mesmo os não religiosos apresentam sinais de sacralização, defende Eliade. Ele ilustra isso através da heterogeneidade espacial, que é a valoração qualitativa do espaço, que até mesmo o mais cético dos homens adota ao conferir a alguns lugares um tipo de sacralidade; enquanto os religiosos assimilam, conscientemente, a diferenciação espacial sagrada e profana, geralmente construída, a partir de uma hierofania - vivida ou transmitida no curso da tradição - que fixa um ponto de referência no mundo que separa o sagrado e o profano¹⁴¹. Porque o ser humano é um *homo religiosus*, sua experiência religiosa antecede a especulação teórica e seu comportamento “interessa à antropologia filosófica, à fenomenologia, à psicologia”¹⁴², e acrescentamos, à teologia. Também compreendendo essa identidade religiosa do ser humano, Smith afirma:

Somos, mais concretamente, *homo liturgicus*; nós, seres humanos, somos animais religiosos, não porque sejamos sobretudo animais que creem, mas porque somos animais litúrgicos — criaturas encarnadas, praticantes, cujo amor/desejo está voltado para algo supremo. [e esse] amor/desejo absoluto é moldado por práticas, e não por ideias que nos são meramente comunicadas.¹⁴³

¹⁴¹ ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

¹⁴² *Ibid.*, p. 20.

¹⁴³ SMITH, J. K. A. *Desejando o Reino: culto, cosmovisão, e formação cultural*. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 38, 59.

Com essa concepção, Smith defende que nossa “orientação em relação ao mundo é plasmada do corpo para a cabeça, e não da cabeça para o corpo”¹⁴⁴, assim sofremos mais influências pedagógicas em práticas formativas precognitivas do que por sistemas que priorizam a reflexão. Isso acontece, porque o ser humano é essencialmente um ser que ama ou que deseja, diferente do pressuposto pedagógico dominante, cuja antropologia, entende o homem essencialmente como um ser que pensa. Nessa perspectiva, a mística encontra lugar para uma religião que deseja e experimenta o transcendente, não que seja uma experiência irracional ou que prescindir da razão, pois essa encontra lugar posterior ao refletir e elaborar a experiência mística.

Com o avanço tecnológico, a mística tem encontrado espaço em pesquisa na neurofisiologia, e “centenas de autores, nas últimas duas décadas, vêm se dedicando ao estudo neurofisiológico das experiências místicas ou espirituais”.¹⁴⁵ E o que é mística? A dificuldade em definir está ligada ao teor de mistério, segundo Dentee, que a conceitua a partir “do grego *myein* que significa fechar os olhos, os ouvidos e a boca”.¹⁴⁶ Transmitindo assim o caráter de “recolhimento e concentração”. Essa definição nos remete à dimensão contemplativa da mística. Mais adiante ele nos mostra que em alemão há “uma diferenciação entre *Mystik* (mística) e *Mystizismus* (misticismo). *Mystik* está relacionado à fé cristã e à teologia, enquanto *Mystizismus* relaciona-se ao

¹⁴⁴ Ibid., p. 36.

¹⁴⁵ MARINO JÚNIOR, R. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2005. p. 12.

¹⁴⁶ DENTEE, L. *A ecclesia reformata semper reformanda : o testemunho como proposta pedagógica para a formulação de uma mística cristã libertadora em contexto urbano*. 2017. - Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. p. 55.

panteísmo, ao metafísico”.¹⁴⁷ Aqui podemos dizer que a fé cristã discorda do panteísmo (misticismo) e abraça a dimensão de vida e de reflexão (mística).

Pode-se paralelizar estas definições de Dentee com os dois padrões históricos de espiritualidade na classificação de Johnson: a contemplativa e a apostólica. Sendo a primeira mais mística e a segunda mais ativa na sua expressão. “A espiritualidade contemplativa é uma tentativa de buscar um antegozo das bênçãos celestiais na terra antes de experimentá-las eternamente no Reino celestial”.¹⁴⁸ Para isso os praticantes se afastam “da sociedade para fazer uma busca intensa da presença de Deus em isolamento”.¹⁴⁹ Ao passo que “a espiritualidade apostólica é uma forma ativa de se aproximar de Cristo Jesus por meio do envolvimento na missão Dele no mundo”.¹⁵⁰ O que equivale a dizer que a espiritualidade contemplativa, no contexto cristão, é o encontrar e participar em Cristo; e a espiritualidade apostólica é fazer parte da missão de (e com) Cristo.

A história do cristianismo pode ser dividida e classificada a partir da visão e da prática mística que são expressadas pela cristandade. Zilles, por exemplo identifica que o cristianismo primitivo, buscou primeiramente o martírio como imitação de Cristo, seguindo, após o declínio das perseguições, as práticas da ascese e da virgindade como ideal da experiência religiosa cristã; “Na *idade patristica*, a mística cristã é caracterizada pela conjunção de uma concepção teológico-ontológica e psicológico-experimental”¹⁵¹ que

¹⁴⁷ Ibid., p. 66.

¹⁴⁸ JOHNSON, W. M. *As Disciplinas Espirituais e o Empreendimento Missionário*. Via Teológica, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 91–120, 2019. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/15/22>. Acesso em: 24 ago. 2021.p. 102.

¹⁴⁹ Ibid.

¹⁵⁰ Ibid., p. 102–103.

¹⁵¹ ZILLES, 2004, p. 17.

compreende o encontro com o divino pela negação das paixões, abrindo caminho para a rejeição e fuga do mundo como necessária para a espiritualidade, surgindo a espiritualidade monástica exercida por meio do trabalho, da leitura e da oração; a Idade Média, a dimensão psicológica volta a ter mais espaço e a afetividade precede o labor intelectual; e “Na Idade Moderna, Teresa d’Ávila aperfeiçoou a descrição psicológica da experiência mística”.¹⁵² Em cada momento histórico, ou escola mística, prevaleceu a espiritualidade contemplativa ou a apostólica, ou ainda, uma mescla dessas abordagens.

O jesuíta Jimeno, Arcebispo em Huancayo (Peru), prefere conjugar a vida religiosa consagrada com a missão apostólica, pois compreende que a “experiência de Deus na pessoa humana é essencialmente profética. O verdadeiro profeta é um místico, e a mística autêntica deve derivar em profecia”.¹⁵³ Deste modo, o discipulado como seguimento não pode ser dissociado do seu papel missionário. Defende, assim, a vivência dos dois padrões de espiritualidades como interdependentes e necessários um ao outro, tratando praticamente como sendo um só: “A mística profética é o rosto sempre atual do seguimento de Cristo de todo discípulo-missionário: em sua pessoa e em sua inserção numa comunidade de referência e na missão evangelizadora da Igreja”¹⁵⁴.

Quando Jonhson faz a defesa da espiritualidade apostólica, convém observar, ainda, que a intenção do autor fosse apresentar essa apartada da

¹⁵² Ibid., p. 19.

¹⁵³ JIMENO, P. R. B. Por uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida. *Convergência*, Brasília, v. Ano XLV, n. 428, p. 5–21, 2010. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2010/02/CONVERGENCIA_-428.pdf. 5.

¹⁵⁴ Ibid., p. 6.

espiritualidade contemplativa, finda expondo que é inviável existir espiritualidade apostólica sem a coexistência do aspecto místico, veja:

A espiritualidade apostólica prioriza a vida discipuladora como ponto principal da fé e a prática cristã. Esta vida não é um compromisso ocasional com Cristo Jesus na parte do discípulo, mas é um compromisso diário a seguir fielmente o Salvador. A vida discipuladora é uma vida de autonegação em que um compromisso diário com Cristo Jesus se torna a prioridade do discípulo Dele. Diariamente, o discípulo toma a sua cruz e segue os passos de Cristo Jesus indo para o mundo e servindo à causa de Cristo Jesus no avanço do Reino Dele. Esta espiritualidade enfatiza tanto a dimensão interior do discípulo quanto as suas atividades no mundo exterior.¹⁵⁵

Se Jesus não é um conceito abstrato ou uma proposição racional, mas é uma pessoa, logo, esse seguimento do Salvador, diário e cheio de compromisso, carrega consigo, em seu interior, uma dimensão mística. É uma relação pessoal do humano remido com o Deus redentor. Também, a autonegação está ligada a uma experiência religiosa que supera a disciplina pessoal e carece da ação sobrenatural do Espírito Santo. Daí a importância citada por Johnson da ênfase também na dimensão interior. Logo, ao descrever a espiritualidade apostólica, Johnson, admitiu a necessidade mística para seu exercício, concordando, assim, com a tese de Jimeno. De fato, não há espiritualidade sem mística. Não há missão apostólica cristã legítima sem a experiência religiosa mística.

2 A INSUFICIÊNCIA DA RAZÃO, DA INSTITUIÇÃO E FORMALISMO NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

William James contribuiu com a filosofia e a psicologia da experiência religiosa. Ele buscou desconstruir a rejeição dominante dos racionalistas no que concerne a experiência religiosa, os quais, em geral, atribuíam a mentes fracas bem como rejeitavam as experiências como de natureza patológica, alucinações

¹⁵⁵ JOHNSON, 2019, p. 103.

e ilusões. A tese de James, um pragmatista, é que a vida religiosa seja julgada, exclusivamente, pelos resultados, como ele diz, pelos frutos e não pelas raízes. Defende que “a felicidade de um tipo supremo é prerrogativa da religião”¹⁵⁶ e que “a consciência religiosa é tão rica do ponto de vista emocional”.¹⁵⁷ Para ele, “o estado de fé e o estado místico são termos praticamente intercambiáveis”.¹⁵⁸

Em sua tentativa de legitimar a mística como experiência religiosa, que admite um repensar epistemológico, ele indaga se a mística tem autoridade e, em seguida, responde:

1. Estados místicos, quando bem desenvolvidos, geralmente são, e têm o direito de sê-lo, autoridades absolutas sobre os indivíduos que os experimentam.
2. Delas não emana autoridade alguma que obrigue os que estão fora a lhes aceitarem as revelações sem nenhuma crítica.
3. Eles quebram a autoridade da consciência não mística ou racionalista, que se baseia apenas no intelecto e nos sentidos.¹⁵⁹

James argumenta que “a vida mental de um homem” ou “a vida dos homens [] explicada pelo racionalismo é relativamente superficial”¹⁶⁰. Há uma transversalidade e verticalidade da realidade natural e sobrenatural, como diz Eliade, “O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”.¹⁶¹ Para James, “a experiência religiosa pessoal tem sua raiz e seu centro em estados místicos de consciência”¹⁶²,

¹⁵⁶ JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 50.

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 338.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 337.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 70.

¹⁶¹ ELIADE, 2018, p. 16.

¹⁶² JAMES, 2017, p. 307.

existindo quatro marcas que permitem identificar se uma experiência é mística: inefabilidade, consciência noética, transitoriedade e passividade.¹⁶³

O racionalismo teológico, pontua Carvalho, ao “pregar a impossibilidade de se ter uma experiência direta com Deus, e limitar o conhecimento dEle à letra da Bíblia, algumas formas clássicas de protestantismo fizeram um grande desserviço à fé”.¹⁶⁴ E argumenta também que “o texto bíblico (fonte principal da teologia), é em sua maior parte, fruto de experiências dos seus hagiógrafos com Deus, ou seja, a Bíblia é o registro das experiências da revelação”.¹⁶⁵ É um livro do encontro, Deus na história e no relacionamento com pessoas. É um livro que não nega a experiência mística, mas que a registra, a atesta e a inspira. Como creem os pentecostais “seja de forma proposicional ou existencial, o ato de receber a revelação é sempre uma experiência”.¹⁶⁶

A mística nos círculos protestantes, por vezes, esteve sob suspeita. Talvez porque a mística desconstrói uma religião controlada. A experiência da pessoa com o sobrenatural pode fazer um *by pass* na estrutura de poder, meios institucionais e rituais da religião organizada. Esse cenário incomoda líderes que vivem um institucionalismo, uma espécie de endeusamento da instituição que se esvazia de Deus e priva a liberdade do Espírito.

É possível encontrar semelhança histórica na construção teológica, que nasceu como medida protetiva, de Inácio que culminou “no eclesiasticismo da Igreja Católica Romana medieval e no seu bispo monárquico. Isso significou que as formas rituais e de cargos valorizaram-se mais que as experiências

¹⁶³ *Ibid.*, p. 307–309.

¹⁶⁴ CARVALHO, C. M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepe-se à teologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 316.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 317.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 330.

personais e espirituais”.¹⁶⁷ O encontro com Deus estava sendo enclausurado a um formalismo, pois, “os líderes eclesiais, que agora podiam ocupar os cargos sem o devido dom espiritual, sentiram-se incomodados com a alegação de comunhão direta com Deus”.¹⁶⁸

A institucionalização é um caminho natural a todo movimento que ganha corpo e avança no tempo. O problema reside não na instituição, mas no institucionalismo racionalista, afinal, “uma religião sem mística não passa de ideologia”.¹⁶⁹ Pois a fé se abre para o sobrenatural e a razão limita-se apenas ao natural.¹⁷⁰ A razão descreve a realidade em palavras, a fé, no silêncio, experimenta ativa e receptivamente a revelação do Criador. E assim, foi projetado o cérebro, com um hemisfério esquerdo responsável pela fala, e o hemisfério direito “que funciona como fonte de informações internas, pois, traz do mundo que experimentamos percepções, sentimentos e impressões que vêm antes das palavras”.¹⁷¹

Uma antropologia cognitivista promove uma espiritualidade presa à razão e que se opõe ao âmago do ser humano, que é um ser que ama.¹⁷² Os pensamentos operam tendo por base a fé, e muito de nossa vida é intuição, de forma “que vivemos não tanto pelo saber, mas pelo saber como”.¹⁷³ Aspectos pré-cognitivos são atuantes na espiritualidade. A experiência com Deus

¹⁶⁷ HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. 1. ed. Natal: Carisma, 2018. p. 45.

¹⁶⁸ *Ibid.*

¹⁶⁹ ZILLES, 2004, p. 16.

¹⁷⁰ MARINO JÚNIOR, 2005, p. 14.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 38.

¹⁷² SMITH, 2018, p. 63.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 87.

antecede a Bíblia e, também, a elaboração teológica. As práticas, muitas vezes automáticas, têm um papel pedagógico que nem sempre lança mão da reflexão. “Tanto a tradição filosófica quanto a psicologia cognitiva recente destacam que nossas disposições ou hábitos automáticos são adquiridos e plasmados por meio de práticas”.¹⁷⁴ Dessa forma, fica claro que a formação de seguidores da fé cristã não pode ser apenas por meio de um curso de ideias, de sentenças e de artigos de fé, mas através de práticas formativas que considerem o ser humano em sua complexidade, um ser que não é apenas cérebro, mas mescla a fragilidade artística, tátil e sensível do barro esculpido da terra e a excelência que transcende nossa finitude pelo sopro divino.

3 MÍSTICA, PROTESTANTISMO E A INCOMUNICABILIDADE DO ÊXTASE

No início da Reforma, a mística foi associada à Igreja Católica, argumenta Dentee, e na “busca de uma diferenciação, protestantes ligavam mística ao papismo”.¹⁷⁵ Mas, não demorou para que a mística rompesse o solo do protestantismo com o pietismo e a experiência de renovação do encontro pessoal. Experiência religiosa que não se resume à mente, mas toca o coração. Alinhado com a proposta do reformador, Lutero, que defendia que a Palavra de Deus não deve ser compreendida apenas em termos racionais, mas também com o coração.

Um ponto de contato do pietismo com a mística medieval é o anti-intelectualismo, segundo Dentee. Se esse é o polo negativo, pode-se entender como positivo a constatação que ele faz da mística no protestantismo: a “união

¹⁷⁴ Ibid., p. 127.

¹⁷⁵ DENTEE, 2017, p. 66.

com o divino nunca será uma união no sentido de identificação, mas no contexto de preservação da identidade e da subjetividade. [] A distância entre o ser humano, pecador e justo, e o Deus, justo e santo, deve ser preservada, não havendo espaço para a *unio*”.¹⁷⁶

Lopes, expoente contemporâneo da teologia reformada no Brasil, critica a espiritualidade proposta pelos neoliberais fazendo um paralelo das semelhanças com a mística medieval: 1) foco na experiência e ausência de bíblia; 2) a busca de Deus na natureza e em si mesmo; 3) abertura para novas revelações; 4) messianismo não-conformista; 5) crença última na salvação por obras e 6) ateísmo linguístico.¹⁷⁷ Contudo, o autor não rejeita a mística, ele reconhece que há um padrão místico para a vida cristã amparado biblicamente que em sua visão é a “união com Cristo realizada na sua morte, vivida pelo Espírito, celebrada na Ceia e vivenciada pelos meios da graça”.¹⁷⁸

Porém, para fazer justiça, até mesmo na tradição católica, na qual encontramos vários nomes de destaques no que concerne a mística cristã, é possível encontrar ao longo da história também um rosto de perseguição àqueles que não se enquadravam ao deus encaixado nas tradições. Como exemplo, pode-se referenciar as experiências do Espírito vivenciadas por Montano e pelos seus seguidores, dentre os quais o ilustre doutor da igreja Tertuliano. Os montanistas foram historicamente tachados de hereges. Também, pode ser que a negação e a perseguição se deem pela característica da “incomunicabilidade do êxtase” que é conceituada por James assim:

¹⁷⁶ Ibid., p. 68.

¹⁷⁷ LOPES, A. N. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 81–83.

¹⁷⁸ Ibid., p. 84.

(...) é a tônica de todo o misticismo. A verdade mística existe para o indivíduo que tem o êxtase, mas para mais ninguém. Nisso, como eu já disse, semelha antes o conhecimento que nos é dado em sensações do que o conhecimento havido pelo pensamento conceitual. Por sua qualidade remota e abstrata, na história da filosofia, o pensamento foi muitas vezes contrastado desfavoravelmente com a sensação. É um lugar-comum da metafísica o que diz que o conhecimento de Deus não pode ser discursivo, mas tem de ser intuitivo, isto é, tem de ser construído mais segundo o padrão do que em nós mesmos se chama sensação imediata, do que segundo o padrão da proposição e do julgamento. Mas as nossas sensações imediatas só têm por conteúdo o que lhes fornecem os cinco sentidos; e vimos, e tornaremos a ver, que os místicos podem negar enfaticamente, que os sentidos desempenham uma parte qualquer no tipo mais elevado de conhecimento que os seus êxtases propiciam.¹⁷⁹

Esta incomunicabilidade valida a pessoalidade da experiência e está de acordo com o chamado de Jesus, que é pessoal e intransferível (Jo 21.21-22). Cada seguidor tem que ter sua própria experiência com Deus. A experiência do outro pode inspirar e encorajar, mas é incapaz de produzir o impacto transformador do encontro com o Outro. A experiência é pessoal, contudo, não destitui a comunitária e nem mesmo a responsabilidade solidária, “pelo contrário, permite-nos ser mais precisos na hora da ação apostólica. Somos chamados a sermos contemplativos na ação. Esta tensão dinâmica nos permite crescer”.¹⁸⁰

A mística dos ‘olhos fechados’ e ‘ouvidos surdos’ leva a pessoa a um espiritualismo que a fecha sobre si mesma. Ao passo que, se for uma espiritualidade autêntica, alimenta-se da mística dos ‘olhos abertos’ e dos ‘ouvidos atentos’ de Jesus, Bom Pastor, que se abre à solidariedade como caminho evangelizador.¹⁸¹

¹⁷⁹ JAMES, 2017, p. 324–325.

¹⁸⁰ JIMENO, 2010, p. 9.

¹⁸¹ Ibid.

E esta mística é identificada na ação discipuladora de Jesus com os doze. Jesus tem seus momentos de solitude e o cultivo do relacionamento com Deus fortalece, capacita e orienta para a missão. E a ação apostólica revela Deus aos homens no poder do Espírito.

4 MÍSTICA, PENTECOSTALISMO E CONTEMPORANEIDADE

A comunidade pentecostal é aberta para experiências místicas e proféticas. Marcando o movimento como transformador, na vida santa com Deus, e profético, na ação apostólica na missão de Deus. A simplicidade do movimento pode ser encontrada também em uma maior abertura experimental que não seja refém, exclusivamente, da construção do saber por vias da razão. Menzies observa que esta característica afeta o método hermenêutico dos pentecostais e, por conseguinte, retroalimenta a experiência religiosa:

(...) a hermenêutica da maioria dos crentes pentecostais não é excessivamente complexa. Não está cheia de questões sobre a confiabilidade histórica ou repleta de cosmovisões ultrapassadas. Não é excessivamente reflexiva sobre os sistemas teológicos, a distância cultural ou as estratégias literárias. A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são minhas histórias — histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência. [] A simplicidade de ler o texto como modelo para a nossa vida, sem a ansiedade sobre o milagroso ou como tudo se encaixa nos sistemas teológicos complexos, permite claramente que a mensagem seja entendida com facilidade por pessoas de culturas pré ou semianalfabetas, pessoas que se desenvolvem em culturas mais experimentais e menos cognitivas.¹⁸²

¹⁸² MENZIES, R. P. *Pentecostes: Essa é a nossa história*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 23.

É uma comunidade, que neste aspecto, tem uma ponte cultural, muito maior do que a teologia moderna, como no caso dos doze separados por Jesus para serem parte do colégio apostólico. Entre outras características das comunidades pentecostais, podem-se destacar: o senso de continuidade da história sagrada do texto bíblico; a manifestação de Deus na história; a crença em milagres e na realidade sobrenatural; a preferência pela contação de histórias às especulações abstratas; Deus como ser pessoal e não meras proposições abstratas; e, a teologia da vida cotidiana (experiência) prevalecendo sobre a teologia sistemática (sistemas lógicos e racionais). Nesse sentido, para Smith, o imaginário social seria uma categoria mais adequada do que a cosmovisão. Já que a cosmovisão tornou-se cativa do racionalismo e detém uma compreensão cognitiva do mundo. E o imaginário social possui uma compreensão afetiva do mundo formado por histórias, narrativas, imagens que despertam o desejo, e conectam as pessoas com uma visão de mundo transcendente.¹⁸³

Para o sujeito contemporâneo, infere Pereira, “a ideia de religião que está se construído tem muito mais a ver com experiências místicas emocionais e rituais novos do que com doutrinas e sistemas de crenças absolutos”.¹⁸⁴ Suspendendo alguns elementos que podem ser danosos dessa identidade religiosa do sujeito contemporâneo, podemos perceber que a abertura para viver experiências e a decepção com sistemas religiosos estritamente firmados na racionalização e experiência de outros pode ser positivo. Claro, não se nega também o risco deste caminho. O importante é que a sociedade da experiência ofereceu a tão buscada ponte de contato:

¹⁸³ SMITH, 2018, p. 97.

¹⁸⁴ PEREIRA, R. A. *A religião e o sujeito contemporâneo*. Via Teológica, Curitiba, v. 17, n. 33, p. 71–94, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.fabapar.com.br>> Acesso em: 19 jun. 2021.p. 92.

A mística conhece Deus através da experiência. Aqui e, partindo-se do pressuposto de que se vive em uma sociedade da experiência, tem-se um elo entre o mundo moderno, ou como alguns afirmam pós-moderno, com um elemento antiquíssimo e constitutivo do ser humano: a mística. [] não se explica racionalmente, ao mesmo tempo, que não pode ser negado.¹⁸⁵

Embora, a experiência mística não possa ser explicada, hoje é possível descrever os fenômenos que ocorrem no cérebro, podendo inclusive, por neuroestimulação de campos magnéticos produzir uma simulação de uma experiência religiosa como a “‘sensação de presença’, que seria um protótipo da experiência da divindade”.¹⁸⁶ O princípio dessa descoberta, remota a 1983, quando Persinger em um exame eletroencefalográfico percebeu que a paciente “apresentava uma anormalidade eletrográfica no lobo temporal direito”¹⁸⁷, em que a examinada relatou ter sentido a presença de Deus.

Em suas pesquisas, R. K. Wallace, ainda em 1970, demonstrou que além do estado de consciência, da vigília, sono profundo e sonho, há também o estado de consciência meditativo que diz respeito à revelação Divina. Wallace percebeu que, quando em estado meditativo, há alterações neurofisiológicas detectáveis, tanto químicas no sangue quanto modificações de ondas cerebrais.¹⁸⁸ A contemporaneidade, com suas características do sujeito contemporâneo e o avanço da neurociência, favorece a perspectiva teológica e psicológica que enxerga o homem holisticamente, como um ser psico-sócio-espiritual.

¹⁸⁵ DENTEE, 2017, p. 76.

¹⁸⁶ MARINO JÚNIOR, 2005, p. 89.

¹⁸⁷ Ibid.

¹⁸⁸ Ibid., p. 90.

CONCLUSÃO

A experiência mística é elemento essencial à fé cristã. Não é possível uma fé cristã destituída da experiência mística. As tentativas de desmistificar a fé cristã historicamente estão associadas a momentos de fortalecimentos institucional e formal da vida religiosa e/ou de supervalorização da razão como meio de conhecer. O ser humano não é apenas mente, é também coração; não é só razão, é também sentimentos; não é somente corpo, é também alma e espírito. A razão é uma importante porta de acesso ao conhecimento, mas não é a única. Não deve ser desprezada ou excluída, mas também não deve ser idolatrada. Deve-se caminhar com as outras faculdades concedidas pelo Criador.

A Bíblia está repleta de experiências místicas com o Deus que a inspirou. E os relatos bíblicos ensinam que a busca e a vivência dessas experiências fazem parte da espiritualidade cristã. A questão que se põe é: há um equilíbrio místico? Quando se indaga desta forma, já não seria um indício do querer controlar o meio e a forma da manifestação de Deus? Não seria já uma tentativa de limitar ao conforto das categorias cognitivas preconcebidas? Biblicamente, pode se dizer que a experiência mística é necessária para todo seguidor de Jesus, mas nem toda experiência mística aproxima o homem de Deus. Há aquelas de origem e destino distinto.

O mistério está a nossa volta, pronto para ser explorado nas práticas religiosas pessoais, e no olhar inquiridor e pesquisador do teólogo, psicólogo, cientista da religião e filósofo. O mistério sempre está a nossa volta, em nós e além de nós. Quer o ser humano admita, quer em seu orgulho o negue. Quer a ciência o investigue, quer ignore. O mistério não pode ser excluído da realidade.

A mística está presente no jardim, em um mundo caído e, também, na proposta de restauração do Deus que se fez carne.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia online. Versão ARC. 2009. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/arc/index>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

DENTEE, Leandro. *A ecclesia reformata semper reformanda : o testemunho como proposta pedagógica para a formulação de uma mística cristã libertadora em contexto urbano*. 2017. - Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. 1. ed. Natal: Carisma, 2018.

JAMES, William James. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

JIMENO, Pedro Ricardo Barreto. *Por uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida*. Convergência, Brasília, v. Ano XLV, n. 428, p. 5–21, 2010. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2010/02/CONVERGENCIA_-428.pdf

JOHNSON, Mark Johnson. *As Disciplinas Espirituais e o Empreendimento Missionário*. Via Teológica, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 91–120, 2019.

Disponível em:

<http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/15/22>. Acesso em: 24 ago. 2021.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MARINO JÚNIOR, Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2005.

MENZIES, Robert P. *Pentecostes: Essa é a nossa história*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *A religião e o sujeito contemporâneo*. Via Teológica, Curitiba, v. 17, n. 33, p. 71–94, 2016. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/88>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SMITH, James K. A. Smith. *Desejando o Reino: culto, cosmovisão, e formação cultural*. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ZILLES, Urbano. Espiritualidade cristã. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco. Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da.(org.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

BATALHA ESPIRITUAL: O QUE AS ESCRITURAS ENSINAM SOBRE A BATALHA ESPIRITUAL

Cleber Pereira Felizardo¹⁸⁹

Raquel Elisa da Silva Meneghelli¹⁹⁰

RESUMO:

O que é de fato ser cristão? Os demônios existem? Eles interferem no mundo dos humanos? São os responsáveis por todo o mal que há no mundo? Essas perguntas circulam em todas as religiões. Por isso, objetivo dessa pesquisa foi investigar essa temática bastante ventilada e complexa em todos os ramos do cristianismo vigente, a Batalha Espiritual. Em razão disso, a natureza da pesquisa é básica, possui caráter qualitativa e exploratória, tendo como procedimento técnico o aporte bibliográfico. Por se tratar de Batalha Espiritual, grande parte dos cristãos não a conhece profundamente, devido aos extremos adotados. Conclui-se que por vezes, demonizamos tudo – fruto do pensamento dos teóricos da nova ordem em Batalha Espiritual. Em outras, esquecemos que o pecado e o diabo estão ativos no mundo causando toda a série de destruição. A única saída para essas controvérsias é ouvir o que as Escrituras dizem sobre a Batalha Espiritual. Também o que é de fato ser cristão. E qual deve ser a nossa postura diante das batalhas que enfrentamos na vida. Isso só será possível se tivermos um diagnóstico certo da batalha. Descobrimos Quem são os nossos inimigos? Qual o território da guerra? Quais são as suas armas? Como enfrenta-los? Quais as armas certas para vencê-los? Todas essas respostas São Paulo fornece na carta aos Efésios capítulo 6.10-20.

Palavras-chave: Batalha Espiritual. Escrituras. Cristãos. Armas. Inimigos.

¹⁸⁹ Aluno, Graduado em Teologia pela Faculdade Refidim. Pós-Graduando em Teologia pela Uniasselvi.

E-mail: cleberfelizardo@hotmail.com

¹⁹⁰ Professora Orientadora do Centro Universitário Leonardo da Vinci. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicopedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: prof.raquelelisa@gmail.com

ABSTRACT:

What does being a Christian really mean? Do demons exist? Do they interfere in the human world? Are they responsible for all the evil in the world? These questions circulate in all religions. That's why the aim of this research was to investigate this subject, which is widely discussed and complex in all branches of Christianity, the Spiritual Battle. For this reason, the nature of the research is basic, qualitative and exploratory, and the technical procedure is bibliographical. As this is Spiritual Warfare, most Christians don't know much about it, due to the extremes adopted. The conclusion is that sometimes we demonize everything - the result of the thinking of the new order theorists on Spiritual Battle. At other times, we forget that sin and the devil are active in the world causing all kinds of destruction. The only way out of these controversies is to listen to what the Scriptures say about Spiritual Battle. Also what it really means to be a Christian. And what our stance should be in the face of the battles we face in life. This will only be possible if we have a correct diagnosis of the battle. Finding out Who are our enemies? What is the territory of the war? What are their weapons? How do we face them? What are the right weapons to defeat them? Paul provides all these answers in his letter to the Ephesians, chapter 6.10-20.

Keywords: Spiritual battle. Scriptures. Christians. Weapons. Enemies.

INTRODUÇÃO

Batalha espiritual é um assunto tratado pelas Escrituras desde o livro de Gênesis. Retratando a pecaminosidade do ser humano e a

oposição que satanás e seu reino faz a Deus e aos seus escolhidos. Satanás não é um “cara legal”, sua essência é maléfica. De forma, que usa o pecado através do sistema mundo para operar suas intenções.

Portanto, o cristão vive um conflito espiritual ininterrupto contra o pecado que habita em si e contra o sistema mundo governado por satanás e seus agentes (1 JOÃO 5:18). Onde a única maneira de vencer é nos submetermos a Deus, conhecendo a sua palavra, praticando a oração mediante a fé no nome poderoso de Jesus – vivendo uma vida piedosa (TIAGO, 4:7).

Esses foram conselhos bíblicos pregados e ensinados por vinte séculos dentro do Cristianismo, no entanto, com o advento do “movimento de batalha espiritual” a partir de 1960 que influenciou o mundo cristão. Trouxe novos diagnósticos para os problemas humanos e uma nova maneira de lidar com os demônios. Sendo que, há doutrina do pecado não é enfatizada nesse movimento.

Contudo, ao analisarmos as escrituras, vemos que o pensamento desses teóricos por mais renomados que sejam não encontram apoio bíblico e nem teológico que os fundamente. Veremos na pesquisa que Independente da linha adotada, nos movimentos de Batalha Espiritual, todas reconhecem a realidade do mundo espiritual e ação dos demônios em roubar, destruir e matar os homens feitos à imagem e semelhança do criador.

A proposta desse documento é voltar as Escrituras e escutarmos o que ela tem a dizer sobre Batalha Espiritual, sob a ótica de Jesus e Paulo. E para isso, vamos analisar em síntese o que eles

falaram. Igualmente, examinar dois personagens bíblicos, Jó e Paulo que sofreram intensas Batalhas Espirituais. E assim, entender que ser cristão, andar com Jesus é também ser provado, sofrer, perder, chorar e até desanimar. Mas, nunca desistir da Batalha. Como retrata a impactante história de John Bunyan um vencedor nas batalhas da vida, em seu Best-seller “O Peregrino”.

E por fim, estudaremos a carta de Paulo aos Efésios considerado texto áureo sobre Batalha Espiritual no Novo Testamento (EFÉSIOS, 6: 10-20). Pois, estão listados em detalhes quem são os nossos inimigos, o local do enfrentamento da batalha e as armas que Deus colocou a nossa disposição para vencê-los.

Espero que esse conteúdo sirva de edificação espiritual e também, lhe conceda muita motivação para continuar lutando as suas guerras.

1. BATALHA ESPIRITUAL DENTRO DO CONTEXTO BIBLÍCO

A vida cristã não é um parque de diversão ou uma aventura como retrata algumas mensagens e hinos, mas, uma batalha. A razão disso, é que quando aceitamos a Cristo mediante a mensagem do Evangelho, nascemos de novo para uma nova vida, descemos as águas do Batismo, e automaticamente passamos a fazer parte de um Reino espiritual, o Reino de Deus. Jesus Cristo o nosso general nos alistou como seus soldados nessa guerra.

Pois, a nossa luta não é contra pessoas, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais (EFÉSIOS, 6: 12, NVI).

Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá". Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá seu reino? (MATEUS, 12: 25-26, NVI).

Entendemos, portanto, as palavras do Senhor Jesus que satanás luta contra os seus discípulos por meio de uma rede organizada de demônios, anotados por Paulo em Efésios 6. Assim, compreendemos a linguagem Paulina que a vida Cristã é uma batalha Espiritual.

Neste sentido Lopes, afirma: “cristianismo não é brincadeira, é questão de vida ou morte; é muito sério e lida com realidades eternas que determinam o estado futuro das pessoas”.¹⁹¹

Estamos em Batalha.

A primeira batalha que travamos é contra o nosso eu, que nos textos paulinos é uma referência a “velha vida”, a natureza adâmica que ainda reside em nós. O conflito é tão acirrado que São Paulo chegou a dizer:

Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a lei é boa. Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom,

¹⁹¹ LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre a Batalha Espiritual*. 6ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p.16.

mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. Pois, no íntimo do meu ser tenho prazer na lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros. Miserável homem eu que sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo da lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado. (ROMANOS, 7: 15-25, NVI)

E continuou:

Por isso digo: vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam. Mas, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da lei. (GÁLATAS, 5: 16-18, NVI).

O caminho para a vitória contra a nossa velha natureza é entregar o controle da nossa vida para o Espírito Santo. Isto implica em uma atitude de renúncia aos nossos desejos. Afinal, o pecado faz parte da nossa natureza. E o sistema que opera no mundo é diabólico e faz de tudo para nos afastar de Deus, despertando os desejos mais nocivos que existe em nós. De modo, que somos a ovelha mais difícil de ser pastoreado, o inimigo mais terrível da batalha espiritual. Por isso, o conselho do apóstolo João é vigente.

Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provêm do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1 JOÃO, 2: 15-17, NVI)

No livro de Efésios (6: 12) registra-se: “Porque a nossa luta”. Essa expressão nos avisa que não somos espectadores nessa guerra, estamos envolvidos nesse conflito. Apesar de o mundo espiritual ser invisível, ele é real. “Estamos cercados por inimigos formidáveis”.¹⁹² Essa Batalha Espiritual é ininterrupta. Ser cristão é uma Batalha constante que só terminará com a morte ou com o arrebatamento da igreja.

2. MOVIMENTO DE BATALHA ESPIRITUAL

Surgiu em 1960, nos EUA um novo conceito de batalha espiritual e ganha aceitação em todo o mundo. Esse movimento não tem um único proponente, mas, vários: Benny Hin, Frank Peretti, Peter Wagner, Neusa Itioka e outros. Por isso, existem várias ideias e comportamento dentro do movimento. A unidade está na crença de que a igreja deve confrontar os espíritos para assim, crescer e o Reino de Deus se expandir. Eis a razão de o movimento ganhar muita aceitação entre os pentecostais e os carismáticos, porque já traziam também em sua identidade o exorcismo e a numerolatria.

Posteriormente suas teorias foram adaptadas plenamente no movimento neopentecostal. Sendo que há uma serie de livros e seminários ensinando os crentes vencerem os demônios, e manual de crescimento numérico de igrejas. É importante ressaltar que toda a justificação para as manifestações dentro do movimento de batalha

¹⁹² MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular: versículo por versículo, novo testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 651.

espiritual provém da experiência e não das Escrituras. A experiência não gera doutrina. Ela é válida, mas não pode se tornar um paradigma.

Segundo Lopes os principais ensinamentos.¹⁹³

- **A origem do mal é diabólica:** Tudo que acontece de ruim nas pessoas como enfermidades, desemprego, pobreza e desestrutura é influência direta dos demônios. Igualmente, os males que assolam as estruturas sociais, políticas, econômicas e religiosas. A única saída proposta pelos teóricos desse movimento é expelir esses demônios causadores de sofrimentos.

- **Refutação bíblica:** Segundo as Escrituras a origem do mal reside no pecado. Ele é o responsável por grande parte do sofrimento que há no mundo. Satanás, por sua vez, também causa dor e sofrimento, mas, ele, não é a causa direta de todo o mal.

Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, **e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram.** (ROMANOS, 5: 12, grifo do autor).

Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor. (ROMANOS, 6: 23, grifo do autor).

Sabemos que a lei é espiritual; **eu, contudo, não o sou, pois fui vendido como escravo ao pecado.** (ROMANOS, 7: 14, grifo do autor).

Neste caso, não sou mais eu quem o faz, **mas o pecado que habita em mim.** (ROMANOS, 7: 17, grifo do autor).

¹⁹³ LOPES, 2015, p. 33-40.

Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, **mas o pecado que habita em mim.** (ROMANOS, 7: 20, grifo do autor).

Miserável homem eu que sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? (ROMANOS, 7: 24, grifo do autor).

Ainda temos Gálatas (5:19-21) onde São Paulo lista quinze obras resultantes de uma vida de pecado. Ao fazer uma comparação com a sociedade vigente, vemos que os problemas que os oprime é resultado do afastamento de Deus e consequentemente da sua aliança com o pecado.

- **Espíritos territoriais:** Esses são os textos que eles se apoiam para fundamentar essa doutrina. (Daniel, 10.13; 12.1). Essa crença pautada na expressão “Príncipe da Grécia” sugere a ideia de que em cada rua, casa, bairro, cidade, estado e país há demônios territoriais fazendo a ocupação e a jurisdição. Levando as pessoas ao sofrimento e ao pecado.

[...] satanás estabeleceu principados com seus tronos sobre os continentes, classificou demônios de altas patentes para regerem sobre nações, estabeleceu potestades que são demônios que agem em determinadas regiões e poderes instituídos, estabeleceu os dominadores do mundo tenebroso, que controlam situações e ações, estigmatizando lugares com toda a sorte de males, pestes mortandades, assolando a humanidade e estabeleceu as forças da maldade ou as hostes espirituais que são os demônios, que eu os classifico como “demônios ralés” de periferia, os destacados para destruir diretamente o ser humano, tornando-os cativos aos vícios, ao crime, pornografia, pedofilia, religiosidades, prostituição e etc.¹⁹⁴

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Miquéias. *Batalha Espiritual por Princípios Bíblicos*. Rio de Janeiro: BVBooks, 2016, p.20.

- **Refutação bíblica:** Não há nenhuma referência bíblica que consolide essa doutrina. Essa crença que os demônios se ocupam de coisas é oriunda do paganismo Mesopotâmico e Egípcio. Onde os demônios habitavam em casas, árvores, rochas e rios. Também não há nomenclaturas, como se cada um tivesse uma especialidade. (Atos 16.16-18). O que as escrituras concordam é que de fato o diabo e seus demônios agem de todas as formas no mundo através do pecado para afastar o homem de Cristo. Mas os espíritos não habitam em objetos, eles procuram pessoas.

Quando um espírito imundo sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso, e não o encontrando, diz: 'Voltarei para a casa de onde saí'. Quando chega, encontra a casa varrida e em ordem. Então vai e traz outros sete espíritos piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro. (LUCAS, 11: 24-26).

- **Demonização de estruturas:** Apoiados em (Apocalipse 2: 13) afirmam que satanás cega as pessoas e oprime e até possui os crentes, pois ali está o seu trono. Então para a igreja ter sucesso na propagação do Evangelho ela precisa identificar o trono de satanás, lutar contra os espíritos e expeli-lo no poder de Cristo. Apenas assim, conseguirão ganhar o território.

- **Refutação bíblica:** Realmente satanás cega as pessoas através do pecado para não conhecerem a Cristo. (2 CORINTÍOS, 4:4). De fato, que enquanto o ser humano ainda não firmou um compromisso de crer em Cristo, está debaixo do poder do pecado. (Romanos 6). Todo o seu entendimento está em trevas. (EFÉSIOS, 1: 18). Agora, o que não podemos concordar é satanás demonizar os crentes, que já foram

regenerados pelo Espírito Santo. Não encontramos nenhum apoio bíblico para tal afirmação. O crente salvo por Cristo possui:

O Espírito Santo. (JOÃO, 14.16,17,26; 16.13-15; 1CORÍNTIOS 3.16,17; 6.19,20).

A Palavra de Cristo. (JOÃO, 17.14; 6.63; COLOSSENSES 3.17; 1PEDRO 1.23-25).

A proteção de Deus. (SALMOS, 91; COLOSSENSES 3.3; 1JOÃO 2.12-14; 4.4,13; 5.18,19).

Posto isso, não há possibilidade nenhuma de satanás possuir um crente comprometido com Cristo.

- **Novas estratégias:** Para os cristãos terem esse sucesso na propagação do evangelho precisam “ler os livros pelos peritos em ‘batalha espiritual’, frequentar suas conferências e simpósios e aprender com os especialistas todas as estratégias espirituais para atacar as fortalezas do diabo e derrubá-las”.¹⁹⁵ As novas estratégias são:

- **Mapeamento espiritual:** A radiografia da cidade consiste em saber onde há a maior concentração de demônios, o porquê está ali e quais seus nomes e propósitos. O objetivo é localizar o trono de satanás, afim de, destruí-lo. Esse mapeamento se dá literalmente pegando o mapa da cidade nas mãos e orando por cada rua e bairro. Onde se “sentir” maior opressão está ali maior concentração de demônios. Então é enviado a esses locais “guerreiros de oração”, que lutarão contra os espíritos malignos declarando a sua falência.

¹⁹⁵ LOPES, 2015, p. 37.

- **Oração de guerra:** Segundo Peter Wagner (1996) em seu livro em seu livro “Oração de Guerra” a oração funciona como uma arma que neutraliza e amarra os demônios. O método é simples. Basta dar uma ordem aos demônios. Exemplos: demônios da pobreza, dos vícios, dos desvios Morais eu te amarro em nome de Jesus. Isso se popularizou em algumas denominações, inclusive nas mais históricas.

Outro fato a se destacar, é o exorcismo acompanhado da entrevista aos demônios. Aliás, há denominações em que o “culto bom e espiritual” é aquele onde o diabo se manifesta e fala.

- **Refutação bíblica:** Em nenhum texto das escrituras encontramos alguém fazendo mapeamento espiritual e nem oração de guerra. O resultado do mapeamento espiritual legou algumas frases que se tornaram “doutrinas veladas em muitas igrejas”. Refiro-me à “Confissão positiva, Palavra de fé, Determinismo, está amarrado, oração forte e eu tomo posse”.

Todos esses jargões são falácias. Não tem respaldo Escriturístico. É fato que todo cristão que vive de acordo com a Palavra de Deus, vai procurar descobrir qual é a “boa, perfeita, e agradável vontade de Deus” para a sua vida. (ROMANOS 12.2; MATEUS 6.10). E após encontrá-la será muito feliz e satisfeito.

Igualmente, a oração é um resultado da fé que nos possibilita a nutrir um diálogo com Deus através de Cristo e não um recurso para amarrar demônio. A igreja primitiva enfrentou literalmente o inferno em seus dias, mas em nenhum momento deu “ordens aos demônios”, sempre se submeteu a Palavra de Cristo e o mesmo repreendeu os demônios. (ATOS, 4; 5). Também, expulsou muitos demônios, mas, não dialogou com eles em seu culto.

Há tanta ênfase nos demônios, no exorcismo, na libertação de males supostamente produzidos por demônios que, se aprovesse a Deus eliminar agora o diabo e seus anjos, retirando-os do mundo, o ministério de muitos pastores e obreiros das igrejas evangélicas também se acabaria, pois quase só falam, pregam e escrevem sobre isso.¹⁹⁶

- **Quebra de maldição hereditária:** Esse conceito se baseia em Êxodo 20.5 onde a lei de Moisés afirma que Deus castiga a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quartas gerações. Por isso, precisamos identificar o que os nossos antepassados fizeram. Exemplo: se houve aliança com o diabo, palavras de maldição, feitiço, olho gordo, para pode anular e destruir esses espíritos através da oração de guerra e seção do descarrego. Alguns chegam ao extremo de delegar a maldição hereditária a todos os infortúnios da vida.

- **Refutação bíblica:** Esse conceito de Êxodo 20.5 já é invalidado no próprio Antigo Testamento.

Esta palavra do Senhor veio a mim: "Que é que vocês querem dizer quando citam este provérbio sobre Israel: " 'Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotam'? "Juro pela minha vida, palavra do Soberano Senhor, que vocês não citarão mais esse provérbio em Israel. Pois todos me pertencem. Tanto o pai como o filho me pertencem. **Aquele que pecar é que morrerá.** (EZEQUIEL, 18: 1-4, NVI, grifo do autor).

Mesmo assim, parte da religião judaica acreditava na maldição hereditária. Vemos isso presente nos discípulos.

Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: "Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?" Disse Jesus: **Nem ele nem seus**

¹⁹⁶ LOPES, 2015, p. 54.

pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele. (JOÃO, 9: 1-3. NVI, grifo do autor).

Claramente nesse episódio o Senhor Jesus repulsa esse pensamento. Semelhantemente, não encontramos nenhuma referência a maldição hereditária nas cartas de Paulo, Pedro, Tiago, João e Judas.

3. PERSONAGENS BÍBLICOS QUE SOFRERAM INTENSAS BATALHAS ESPIRITUAIS

- **Jó:** A saga de Jó já foi várias vezes poetizada, cantada e teatralizada com os mais apurados recursos da dramaturgia. A razão é porque sua história é fascinante e inspiradora. O que mais fascina não é as suas riquezas materiais, mas a capacidade de viver sem elas. O que mais empolga é que mesmo perdendo o status social, ele não perdeu a dignidade. Mesmo perdendo a saúde, Jó não perdeu a fé. E por fim, ele perdeu a família, a maior de todas as riquezas. Seus dez filhos morreram e sua esposa o abandonou devido às perdas. Seu novo lar é o lixão da cidade. Seu consolo é um caco de louça que usa para coçar as feridas. Todavia, Jó não perdeu a esperança no Deus a quem servia de todo o coração.

Porque ele está sendo provado? Será que ele pecou? Afinal, os mestres do movimento de Batalha espiritual afirmam, que todo infortúnio, perdas e derrotas na vida, sua origem é diabólico ou resultado de algum pecado praticado. Conceito esse, presente no livro de Jó através das palavras de Elifaz, Zofar e Bildade, “amigos” de Jó. Porque Deus não deixa os seus filhos sofrerem.

No entanto, mais uma vez eles estão enganados. A história de Jó afirma que o homem mais justo da sua geração pode ser aquele que

mais sofra. E um sofrimento sem respostas. Jó está encurralado, sem saída e no auge da aflição. Ele mora no lixão da cidade, mas isso ainda não é o pior, e sim, ter que conviver com os lixos emocionais. (JÓ, 3:1-26).

Segundo as Escrituras, em algum lugar do mundo espiritual, onde Deus, os anjos e satanás se reuniam, Deus deu testemunho dele para satanás.

Disse então o Senhor a Satanás: "Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal". (JÓ, 1: 8. NVI).

Seria impossível entender o livro de Jó se nos fosse omitida essa parte. Portanto, a prova de Jó teve origem na conversa entre Deus e satanás. Contudo, o acusador tem a petulância de acusar o homem a quem Deus elogia sob o argumento: Será que Jó não tem razões para temer a Deus e ser fiel?

Será que Jó não tem razões para temer a Deus?", respondeu Satanás. "Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que todos os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. (JÓ, 1: 9-10, NVI).

Satanás reconhece que havia uma cerca de proteção de Deus no mundo de Jó. E que foi Deus quem a construiu. Cerca nas Escrituras fala de limite e proteção.

Por isso, ele faz uma proposta a Deus: Se tirares tudo o que ele tem, com certeza irão blasfemar de ti diante da tua face. Jó te serve não pelo que tu és, mas sim pelo que tu tens dado a ele.

Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face. "O Senhor disse a Satanás: Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não encoste um dedo nele". Então Satanás saiu da presença do Senhor. (JÓ, 1: 11-12, NVI).

O acusador sai da presença de Deus e rompe as cercas de proteção e enche de angustias o mundo de Jó. Jó amanheceu rico e foi dormir pobre; amanheceu como um príncipe e foi dormir como um plebeu; tomou café da manhã com todos os filhos, mas ao cair da tarde fez o sepultamento de todos.

Qual a participação de satanás no mundo de Jó?

Deus o permite tirar do patriarca tudo, menos a sua vida, a vida da sua esposa e de alguns servos que sobreviveram para contar o que aconteceu. (JÓ, 1: 13-19). Deus estabeleceu limites para a atuação de satanás. Entendemos, portanto, que satanás diante de Deus é como um cão na coleira, só vai até aonde a corrente alcança.

Outro fato a ser destacado, é que Jó não menciona nenhuma vez satanás como a causa do seu sofrimento. Também, o acusador aparece apenas nos dois primeiros capítulos e não mais. Nas peças “normais” o dramaturgo “trabalharia o antagonista até o epílogo”. No entanto, o autor sagrado mostra que, mesmo o Diabo fora de cena, a

historia não perde o ritmo e nem o clímax. Ao contrário: ganha intensidade e beleza.¹⁹⁷

Existem sofrimentos que enfrentamos que é algo natural da vida – acontece com todos. Também, há aqueles que provocamos em razão da nossa teimosia e orgulho. Entretanto, há sofrimentos na vida do cristão que tem um cunho espiritual. Satanás por permissão de Deus está nos bastidores da nossa vida, causando sofrimento e dor, afim de que, venhamos a desistir da vida e de tudo que Deus tem nos dado. São as provas de fogo que temos que enfrentar.

Esse sofrimento não tem precedente, também, não sabe o porquê começou e quando vai terminar. Não há uma voz profética em seu favor, nem um anjo trazendo consolo. Seus dias são de amargura e suas noites marcadas de insônia e quando conseguia dormir os pesadelos lhe assaltavam. E ainda para piorar seus “amigos” procuram diagnosticar o porquê está sofrendo. Suas conclusões são insensíveis e impiedosas.

Concluindo Jó está sozinho, pobre, abandonado, doente e sem amigos. Tudo em sua história perdeu o sentido, inclusive uma das coisas mais básicas da existência: comer. “Pois me vêm suspiros em vez de comida; meus gemidos transbordam como água”. (JÓ, 3: 24, NVI).

Deixe-me perguntar: Quais foram os piores dias da sua vida?

¹⁹⁷ ANDRADE, Claudionor. *O sofrimento dos Justos e o seu propósito*. Lições Bíblicas – adultos. Rio de Janeiro: CPAD, 1ª trimestre 2003, p44.

Todo ser humano sofre em alguma área da sua vida. Contudo, os que servem a Cristo e procuram amá-lo de todo o coração e ao próximo como a si mesmo, sofrem de maneira mais intensa. Porque o acusador tenta de todas as formas afastá-los de Deus e da sua palavra. (APOCALIPSE, 12:10). E em razão disso, ele faz o que for necessário. Por isso, enfrentamos os dias maus, as perdas, as dores, as crises, as enfermidades físicas e até a depressão.

E assim como Jó, enfrentamos a noite escura da alma. Sem saber o porquê e nem o para que estamos sofrendo. O sol que trazia vida, alegria e esperança deixou de brilhar em nosso mundo. Tudo agora é morte, trevas e tristezas profundas.

Mesmo não sabendo o motivo desses sofrimentos, assim como, Jó continuamos servindo ao senhor e olhando pra frente. Porque há uma certeza em nossos corações a partir da biografia de Jó. Com Deus sempre haverá um final feliz.

No livro de Jó não temos explicações do por que Jó sofreu, mas, temos a restauração que Deus lhe deu. Há uma tônica na saga de Jó: Restauração sempre, explicações às vezes.

- **Paulo:** Estamos diante de um homem que sofreu intensas batalhas tanto em sua vida espiritual, manter sua fé viva no senhor Jesus, quanto em seu ministério de proclamar o Cristo vivo. Sua biografia no livro de Atos e em suas cartas atesta a veracidade de seus sofrimentos. Certa vez, por obra exclusiva da Graça esteve na sala do trono e conversou com o Cristo vivo e glorificado. Também, viu coisas que o vocabulário humano é impossível

de descrever, e “que ao homem não é permitido falar”. (2 CORÍNTIOS, 12. 4 NVI).

Após as grandes glórias o sofrimento sempre vem. Às vezes ele vem como uma vara pedagógica, afim de que permanecemos buscando ao senhor mediante a sua palavra e a oração. Em outras, com a função de nos preservar com atitudes de humildade. E ainda baseado no livro de Jó como estudamos, o sofrimento revela se realmente amamos a Deus acima de todas as coisas. Parece que em Paulo, essas funções operam sincronicamente.

Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte. (2 CORÍNTIOS, 12:7-10, NVI).

Com as imagens da casa celestial para sempre gravadas em sua memória, a doce voz do Deus pai e do Deus filho conversando com ele, e, revelando as riquezas insondáveis da Graça. Explicando o plano da redenção desde a sua origem até a sua consumação. Paulo está em êxtase. Mergulhado em uma atmosfera que destila o mais puro amor. Com certeza ele não queria mais voltar para o seu corpo terrestre.

Porém, se tratava apenas de um momento único. Haja vista, que na soberania divina ele teria que voltar, porque sua a missão estava apenas começando, havia muitas vidas a alcançar para o Reino

Deus. E quando novamente se encontra no corpo, nessa atmosfera, encontra “um espinho na sua carne” – “um mensageiro de satanás, para me atormentar”, disse ele. Em seu arrebatamento ao terceiro céu, se encontra com Deus. Em sua visão aqui na terra luta com um demônio.

- **A natureza do Espinho:** “A palavra traduzida por ‘espinho’ vem do termo grego skolops, significando ‘uma estaca aguçada’. Saulo escreveu, então, especificamente: ‘Foi-me posta uma estaca na carne’”.¹⁹⁸ Há quatorze anos ele convivia com essa aflição que o atormentava, com o propósito de fazê-lo parar de pregar o Evangelho. Era uma luta pessoal que poucas pessoas sabiam. Aliás a maioria dos homens e mulheres de profunda comunhão com Deus, vivem intensas lutas secretas, que grande parte das pessoas que o rodeiam não sabem, das suas aflições e angústias.

O que seria esse espinho?

Não sabemos. É indefinível.

Swindoll adverte, historicamente várias respostas já foram dadas a essa pergunta como: tentações espirituais, tentações carnis, perseguições, deformidade física, epilepsia, enxaquecas, problemas na visão, corcunda e surtos de malária. A verdade nos foi ocultada.¹⁹⁹

Contudo, o apóstolo sabia o porquê estava ali. Porque eu estive no céu. E as revelações que eu tive lá e os segredos que o eterno compartilhou comigo, não corrigiram a minha natureza adâmica. Eu continuo pecador e com tendências gigantescas de orgulho. Por isso, a

¹⁹⁸ SWINDOLL, Charles R. Paulo: *Um homem de coragem e graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, 127.

¹⁹⁹ SWINDOLL, 2003, p. 128.

estaca está posta em minha carne – com o propósito de gerar em meu comportamento, atitudes de humildade e dependência.

Ele ora intensamente por três vezes pedindo que Deus tirasse dele o “espinho”. A oração foi respondida, mas, não com a resposta que ele queria.

- **A suficiência da Graça:** Minha graça é suficiente para você. Foi à resposta divina.

“Paulo usa o verbo ‘dizer’ (‘ele me disse’) num tempo do verbo grego (perfeito) que indica algo que ocorreu no passado, mas cujo efeito permanece até o presente. A frase poderia ser traduzida ‘Ele me tem dito [...]’”.²⁰⁰

A cada nova bofetada que Paulo recebia do demônio, Deus dizia, minha graça te basta. Essas bofetadas te mantêm fraco, e, essa é a medida exata do meu Poder atuar em você. Sendo assim, continue pregando, ensinando, evangelizando e pastoreando. Pois o meu Poder agirá nas tuas fraquezas. Paulo aceita o sofrimento, a dor e a resposta que ele não queria.

Igualmente, não usou nenhuma técnica para expulsar esse demônio ou amaldiçoá-lo, nem buscou nos seus ancestrais identificar alguma legalidade espiritual, que autorizasse esse demônio atuar em sua vida. A razão é porque a Graça é melhor que a vida, melhor que o dinheiro, melhor que a saúde e o status.

Qual é o seu espinho?

²⁰⁰ LOPES, 2015, p. 124.

Todos nós temos um. “Penso que Paulo não definiu o que era aquele ‘espinho’ para podermos identificar nosso próprio sofrimento com ele. Cada um de nós pode ver no ‘espinho na carne’ de Paulo a nossa própria dor e angústia”.²⁰¹

Mas todos os dias o Espírito Santo nos diz: A minha Graça é suficiente para você. Aleluia!

4. AS ARMADURAS ESPIRITUAIS

- **Um breve resumo da carta aos Efésios:** Entre os anos 61 e 64 da era cristã São Paulo escreve a carta aos efésios de caráter circular a igreja locada na cidade de Éfeso. O Apostolo está preso em Roma como ele mesmo declara três vezes na carta, esperando o julgamento de Nero. A carta é conhecida como a carta das regiões celestiais, sendo essa a posição do cristão que foi salvo pela graça.

No término da mesma, São Paulo expõe o assunto da Batalha Espiritual, que nos Evangelhos já foi ventilado por Cristo. Em nenhuma outra carta Paulina ou dos demais Apóstolos esse assunto é tão bem explícito como aqui em efésios capítulo seis. Onde Paulo descreve em detalhes quem são os nossos inimigos, o local do enfretamento da batalha e as armas que Deus colocou a nossa disposição para vencê-los. (EFÉSIOS 6: 10-20).

- **Conhecendo o inimigo:** A primeira coisa a conhecer na guerra Espiritual, é saber com quem estamos lidando. Assim ocorre nas guerras físicas entre países. Conhecer o inimigo é o primeiro passo para a vitória. A inteligência militar exerce um papel fundamental numa guerra, pois

²⁰¹ LOPES, 2015, p. 125.

permite que seus oficiais conheçam e compreendam o inimigo. O que eles fazem: infiltram um de seus agentes secreto entre os inimigos para saber: Quem é ele? Onde ele está? O que ele faz? O que é capaz de fazer? Quais são suas armas? Quais são suas estratégias? Quais são seus pontos fortes e fracos? E qual a melhor hora e maneira de atacá-lo. Com todo esse dossiê em mãos, se averigua a possibilidade de derrotar o inimigo, montando um plano de ataque e defesa.

- **Quem é o nosso inimigo?** Já descobrimos acima que o eu é o inimigo mais terrível de vencer. Entretanto, a luz de Efésios 6.12 Paulo afirma que temos mais um, Satanás. Esse inimigo não é humano. Infelizmente tem pessoas perdendo a sua batalha porque está gastando munição com o inimigo errado. Após vencermos os nossos desejos sob o poder Espírito, o próximo a enfrentar é Satanás. Que luta contra nós por meio de uma rede organizada de demônios. (EFÉSIOS, 6: 12; MATEUS, 12: 26). Eles interferem através do pecado na política, na economia, na religião, na cultura, e no esporte. Mas, seu alvo principal é estar organizados para lutar contra Deus e a sua igreja. (2 CORÍNTIOS, 4: 4).

Esse inimigo é astuto, perspicaz e malicioso. (EFÉSIOS, 6: 11). Ele cria ciladas para nos destruir. Ciladas são embustes, estratégias e artimanhas. O diabo tenta de muitas maneiras nos derrubar.

“A fim de que Satanás não tivesse vantagem sobre nós; **pois não ignoramos as suas intenções**”. (2 CORÍNTIOS, 2: 11, NVI, grifo do autor)

Em relação à perspicácia de satanás, devemos ter uma postura prudente.

1) Não devemos subestimar o seu poder. (2CORÍNTIOS, 2.11). Afinal de contas ele tem poder, não, todo o poder. Razão essa do porque o Arcanjo Miguel nos deixou esse legado.

“Contudo, nem mesmo o Arcanjo Miguel, quando estava disputando com o diabo acerca do corpo de Moisés, ousou fazer acusação injuriosa contra ele, mas disse: ‘O Senhor o repreenda!’”. (JUDAS, 1: 9, NVI).

Infelizmente por falta de conhecimento bíblico e teológico muitos pastores e cristãos, tratam o diabo como se ele fosse bobinho da corte. Bobo é quem pensa assim. Nossa postura deve ser prudente: "O Senhor o repreenda! "".

2) Contudo, não devemos dar a ele o poder que ele não tem. (COLOSSENSES, 3:1-3; SALMOS, 91; 1JOÃO 5.18).

Não precisamos ter medo dele, porque o Todo Poderoso habita em nós.

A razão de termos essa postura prudente em relação ao nosso inimigo, é porque ele conhece o nosso ponto fraco. E age no nosso ponto fraco. Sendo assim, possui um dossiê da nossa vida. Ele sabe do que a gente gosta, do que chama a atenção, o que nos deixa triste ou alegre, bravo ou calmo. De modo, que se ele não conseguir nos vencer de uma maneira, tentará de outra. Satanás tem uma virtude chamado paciência.

- **Qual o local do conflito?** São Paulo afirma que é nas regiões celestiais. Uma expressão propriamente sua e de difícil significado.

“Regiões celestiais, lugares celestiais”. Trata-se de um amplo espaço entre o segundo e o terceiro céu. O primeiro céu é chamado de atmosférico, onde acontecem os trovoados, os relâmpagos e de onde vem à chuva. O segundo é o estelar, ou astronômico onde estão as estrelas, o sol e a lua. Já o terceiro céu é o lugar da habitação de Deus de Cristo e dos anjos. (2 CORÍNTIOS, 12.4) Então provavelmente a batalha espiritual do crente contra os demônios se dá em algum lugar entre o segundo e o terceiro céu.

Como eu luto nessa guerra tão distante acima da minha cabeça, visto que sou humano?

O cristão atua em duas esferas: na humana e na divina, na visível e na invisível. Em termos físicos, encontra-se na terra, em corpo humano, mas em termos espirituais, encontra-se assentado com Cristo na esfera celestial- esfera que oferece o poder e a direção para a vida aqui na terra.²⁰²

- **As armaduras espirituais da nossa batalha:** Vamos conhecer as armas espirituais que Deus nos deu para vencer os nossos inimigos. (EFÉSIOS, 6: 11-13). Revesti-vos de toda armadura “de Deus”. A expressão “de Deus” revela a fonte, a origem, indicando que essas armaduras provêm diretamente de Deus. (2 CORÍNTIOS, 10:4). Agora, o segredo é vestir toda armadura de Deus. Porque satanás procura áreas desprotegidas da nossa vida, para poder atacar. (EFÉSIOS, 4:7; 2 CORÍNTIOS, 2:11).

²⁰² WIERSBE, W. Warren. *Comentário bíblico expositivo: novo testamento: volume 1*. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006, p. 10.

Para Macdonald e Wiersbe Paulo extrai a lição das armaduras enquanto é vigiado por um soldado Romano em Roma.²⁰³ Ao olhar para a armadura do soldado São Paulo recebe uma inspiração divina, pois em cada arma do legionário Romano, há uma lição espiritual para nós.

Já para Lopes, Paulo usa uma figura extraída do Antigo Testamento, onde o Deus de Israel várias vezes é representado como um guerreiro celeste, que esmaga os seus inimigos, conquista as nações e reina sobre elas como absoluto. (EXÔDO 15:3; ISAÍAS 11:5; 59:17).²⁰⁴

Se conclui que em ambas as linhas, admite que há em Deus um poderoso arsenal a nossa disposição para vencermos todos os nossos inimigos. Esse documento vai se utilizar da figura do legionário Romano.

- **Cinto da verdade** (EFÉSIOS, 6: 14): Era uma espécie de calção. Sendo uma peça de pano que anexada a ela haviam filetes de metal que iam até os joelhos. Paulo chama esse cinto na vida cristã de verdade. “O cinto mantinha unidas as outras partes da armadura, e a verdade é o elemento de integração na vida do cristão vitorioso”.²⁰⁵ Por isso a ordem use o cinto da verdade. Eis as razões:

Deus é a verdade. (SALMOS, 31:5).

Jesus é a verdade. (JOÃO, 14:6).

O Espírito Santo é o Espírito da verdade. (JOÃO, 14:17).

A palavra de Deus é a verdade. (JOÃO, 17:17).

²⁰³ MACDONALD, 2008. WIERSBE, 2006.

²⁰⁴ LOPES, 2015, p. 21.

²⁰⁵ WIERBE, 2006, p.75.

E os verdadeiros adoradores, adorarão o pai em espírito e em verdade. (JOÃO, 4: 24).

A vida com Cristo começa com a verdade. (JOÃO, 8: 32-36). E se mantém com a verdade. (EFÉSIOS, 4: 24-25). A verdade é a base insubstituível de um viver justo e santo. A luz do versículo 25 em muitas vidas o cinto da verdade já foi apodrecido pela mentira. Quando a mentira entra em nossas vidas tudo começa a ruir. Nada fica em pé. Não iremos vencer o pai da mentira com a mentira, apenas com a verdade.

- **Couraça da justiça** (EFÉSIOS, 6: 14): Para Wiersbe, a couraça era feita de placa de metal e cobria a parte posterior e anterior do corpo desde o pescoço até a cintura.²⁰⁶ A função da couraça era proteger o tórax e o abdômen das investidas do inimigo. Paulo nos orienta a se revestir da Couraça da justiça, que é a vestimenta espiritual do novo homem. (EFÉSIOS, 4:22-24; 5:3,4). (nome do livro completo e rever pontuação)

Essa couraça protege o coração das ações do diabo por meio do pecado. É um abrigo contra as feridas morais e espirituais, também é uma proteção da justiça de Cristo imputada ao pecador. (ROMANOS, 8: 33). Portanto, é a couraça da fé. (1TESSALONICENSES, 5:8). A igreja não abre mão desse manequim espiritual. (APOCALIPSE, 19:8).

- **As sandálias do Evangelho** (EFÉSIOS, 6:15): Segundo os estudiosos, as sandálias usadas pelos soldados Romanos, eram presas com tiras de couro no pé e no tornozelo e possuíam travas na sola, afim de, que

²⁰⁶ WIERSBE, 2006, p.76.

o soldado não escorregasse diante da batalha. Razão essa de São Paulo dizer: calcai os pés na preparação do Evangelho da paz. A palavra preparação tem dois sentidos:

1º) Fundamento preparado: Esse sentido nos ensina que o Evangelho nos prepara para resistir os ataques do diabo, que são inevitáveis. (2 CORÍNTIOS, 2:11). Precisamos ter fundamento, base e solidez na vida cristã. Não apenas ser um cristão nominal. E isso é exemplificado nas travas que havia nas sandálias do soldado. Elas não o permitiam escorregar na hora do torque, nem em meio a Batalha. Sendo assim, quem está calçado, protegido com as sandálias do Evangelho não vive escorregando. De modo que possui passos firmes. (SALMOS, 40: 1-3). E essa é a proposta do senhor para nós no texto. “Ficar firmes”. (EFÉSIOS, 6:11,13,14).

2º) É a prontidão em levar o Evangelho da paz aos perdidos: Portanto, é uma invasão no território inimigo. Onde está reinando a guerra, a igreja leva o Evangelho da Paz. O cristão calçado com as sandálias do Evangelho sente os ataques ferozes do inimigo. Diante disso, entendemos que quanto maior for à obra que Deus tem em nossa vida, maior será a retaliação do inimigo. Quanto mais Deus nos usar para proclamar o Evangelho da Paz, mais o inimigo irá se opor em nosso caminho para nos fazer desanimar. Na atualidade há muitos cristãos pródigos, sem as sandálias do Evangelho, por isso vivem escorregando nas tentações da vida. Com esse tipo de cristãos, Satanás não gasta munição.

- **O escudo da fé** (EFÉSIOS, 6:16): Para Wiersbe era grande, media cerca de 1,20 de altura por 60 centímetros de largura.²⁰⁷ Era pesado, e cobria grande parte do corpo. Era feito de madeira e revestido de um couro resistente. Havia dentro do escudo tiras de couro para ser amarrada no braço do soldado, afim de, que o escudo não caísse não hora da batalha. Era comum antes da batalha o soldado encharcava o escudo na água. O soldado segurava diante de si, afim de se proteger das flechas do inimigo. A orientação Paulina é: usem sempre o escudo da fé.

Outro fato a ser destacado, é que antes de atirar a flecha o soldado Romano mergulhava a sua ponta numa substância inflamável chamada piche, acendia e atirava. Por isso, além da necessidade de usar o escudo ele precisava estar encharcado. Usem sempre o escudo da fé para que possais apagar todas as flechas do maligno.

Satanás lança suas flechas inflamadas em nosso coração e em nossa mente com o propósito de provocar um incêndio dentro de nós.

“Fé aqui significa firme confiança no senhor e na sua palavra. Quando as tentações surgem, quando as circunstâncias nos são contrárias, quando as dúvidas atacam, quando há ameaça de naufrágio, a fé olha pra cima e diz: ‘Creio em Deus’”.²⁰⁸

Há mais um detalhe importante no escudo. As beiradas do escudo tinham encaixe. Quando a batalha se tornava dura e parecia que os inimigos iriam lhe vencer, o exército romano encaixava o seu

²⁰⁷ WIERSBE, 2006, p. 76.

²⁰⁸ MACDONALD, 2008, p. 652.

escudo. De forma, que formavam uma linha inteira de soldados e marchavam sobre o inimigo como uma parede sólida.

Existem batalhas que enfrentamos na vida, que precisamos da ajuda de pessoas para nos ajudar vencer. Alguém irá encaixar o seu escudo no meu. Contudo, há pessoas precisando que eu encaixe o meu escudo no dela, para que ela possa vencer. Nossa missão é encaixar o escudo. Seja para ajudar ou para receber ajuda.

- **O capacete da salvação.** (EFÉSIOS, 6:17): O capacete servia para proteger a cabeça do soldado, portanto, os órgãos vitais como visão, audição, olfato e paladar dos ataques certos do inimigo. O capacete protegia das flechas, da lança e da espada.

Usai o capacete da salvação, é a recomendação de Paulo. Isso significa a mente protegida por Deus. Satanás através do pecado presente nos artifícios mundanos quer encher a nossa mente de lixo. Sua missão é controlar a mente, assim, ele transforma o corpo em instrumentos de iniquidades. (RM, 6:11-13). (nome do livro completo)

- **A espada do Espírito** (EFÉSIOS, 6:17): A única arma de ataque na indumentária. “O soldado romano usava embainhada em seu cinto uma espada curta para combates corpo a corpo”.²⁰⁹ Usem a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. (HB, 4:12). O exemplo maior de vitória na batalha espiritual sob o poder Palavra foi o Senhor Jesus no deserto, quando venceu satanás afirmando “está escrito”. (MT, 4: 1-11).

O soldado Romano está com todo o seu corpo protegido?

Não.

²⁰⁹ WIERSBE, p. 77, 2006.

Suas costas estão desprotegidas. Não há armadura para as costas do soldado. Isso significa que o soldado não poderia dar as costas e recuar na hora da batalha. Há momentos que a batalha fica terrível. (EFÉSIOS, 6:13). E Paulo identifica esse momento como “o dia mau” que chega para todos.

Dia não deve ser tomado literalmente como espaço de 24 horas, mas como de ocasião, período. O dia mau é aquele período de tempo ou época em que os poderes malignos tem muito mais oportunidade e ocasião para atacar a igreja e os crentes em particular.²¹⁰

É quando satanás não nos vence por meio do nosso ponto fraco, então ele usa o nosso inimigo externo, o mundo para nos derrotar. Também se utiliza do nosso inimigo interno, o pecado que habita em nós para nos derrotar. Nesses dias temos vontade de sumir da vida. Os problemas surgem de todos os lados. Mesmo sendo fiel a Deus e procurando cumprir com todas as nossas obrigações de cristão. É o dia mau. Nesses dias somente os recursos do céu poderão nos ajudar.

Todavia há uma recomendação para nós no dia mau. (EFÉSIOS, 6:13). “Ficai firmes”. Em outras palavras, continue, perseverem não temas, não recue, não desista, permaneça. Se recuarmos, perdemos a batalha, podemos ser feridos e até mortos. Mas, essa não é a vontade de Deus para nós. (HEBREUS, 10:38).

LOPES chama a atenção o cristão como soldado de Jesus Cristo está vitorioso, numa posição de defesa e de resistência,

²¹⁰ LOPES, 2015, p. 24.

defendendo o território já conquistado em Cristo Jesus. Mesmo sendo atacado pelos inimigos, deve permanecer firme.²¹¹ “Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês”. (TIAGO, 4:8, NVI).

- **Oração** (EFÉSIOS, 6: 18-20): E por fim, o Apóstolo Paulo fala de uma poderosa arma espiritual do soldado de Jesus Cristo, a oração. A maioria dos soldados Romanos não conhecia essa arma, mas, o soldado de Jesus a conhece. Por isso, o texto está carregado do verbo orar. Orem em todo o tempo, orem com toda oração e súplica, orem no Espírito, orem e vigie, persevere na oração, orem por todos os santos. Aleluia!

O soldado do exército celestial deve viver e respirar a atmosfera da oração.

CONCLUSÃO

Conclui-se essa pesquisa mencionando John Bunyan um Evangelista inglês do século XVII que escreveu o célebre livro “O Peregrino” – uma jornada para o céu, enquanto estava preso por pregar o Evangelho na Inglaterra. A história é contada a partir de um sonho. É profunda, envolvente, inspiradora e pertinente. Pois realça os inimigos da nossa Batalha Espiritual em ação. O eu. O pecado. A falsa religiosidade. O sistema mundo. Satanás e os seus demônios.

O cristão após de fato ter um encontro pessoal com Cristo deixa de carregar os fardos do pecado, que são muito pesados. E em sua nova caminhada, carrega os fardos do Evangelho, que são leves, assim como, os patriarcas, os profetas, o Senhor Jesus e os apóstolos.

²¹¹ LOPES, 2015, p. 87-88.

Igualmente, é atormentado por todos os reveses da vida na esperança de encontrar o lugar de pura alegria. Mas, não desiste. Enfrenta tudo, injúria angústia tribulação, fome, perigo, nudez e a espada. (ROMANOS, 8.31-39).

A cada fase da caminhada a Batalha fica mais intensa e semelhante a Paulo luta contra os demônios que querem fazê-lo parar e deixar o caminho. Contudo, o Espírito Santo o conduz através das Palavras de Cristo e ele vai vencendo até chegar a seu destino final o céu.

Enquanto estamos aqui enfrentaremos todos os dias uma batalha. Às vezes são as causadas pela vida e seus infortúnios. Nessas a própria existência através do tempo nos levanta outra vez vitoriosos.

Outras nós a causamos devido aos desejos pecaminosos que lutam para nos afastar de Deus. Quando alimentamos essa natureza adâmica, com certeza, ela vai nos destruir. A única maneira de se libertar dessas prisões de pecado, é, mediante o arrependimento sincero e a consagração total da mente ao Senhor, através da leitura das Escrituras e obediência a ela.

Finalmente, semelhante, a Paulo e lutamos contra o inferno. Terríveis Batalhas Espirituais. São os dias maus. Venceremos essas Batalhas somente se estivermos revestidos de toda armadura de Deus anotada por Paulo na carta aos Efésios. Essas armas são a materialização do que Deus disse a Paulo: “A minha graça é suficiente para você”. Aleluia!

Igualmente, a Graça manteve o patriarca Jó “firme” diante de todas as suas perdas e do silêncio de Deus. Ele venceu. Satanás foi envergonhado e tirado de cena. Posto isso, devemos continuar lutando sabendo que a vitória é nossa. Porque quem nos alistou para essa guerra, nunca perdeu uma única Batalha. Inclusive, em seu currículo há uma vitória esmagadora sobre a morte. Seu nome é O SENHOR JESUS CRISTO!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor. *O sofrimento dos Justos e o seu propósito*. Lições Bíblicas – adultos. Rio de Janeiro: CPAD, 1ª trimestre 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO - *Nova Versão Internacional*. SP; Vida, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre a Batalha Espiritual*. 6ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular: versículo por versículo, novo testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

OLIVEIRA, Miquéias. *Batalha Espiritual por Princípios Bíblicos*. Rio de Janeiro: BVBooks, 2016.

SWINDOLL, Charles R. *Paulo: Um homem de coragem e graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

WIERSBE, W. Warren. *Comentário bíblico expositivo: Novo testamento: volume 1*. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.